

Teurgía
Ou
A
Prática
Hermética

E. J. Langford Garstin

Teurgia, ou, A Prática Hermética

Uma Investigação sobre Alquimia Espiritual

"Theurgy, or, The Hermetic Practice"
A Treatise on Spiritual Alchemy



Escrito por:

Edward John Langford Garstin

Traduzido por:

Edpo Macedo

1930

LONDON : RIDER & CO.

Paternoster House, E.C.4

Printed in Great Britain at

THE MAYFLOWER PRESS, PLYMOUTH. WILLIAM BRENDON & SONS, Ltd.

Ηιεροσ Σεριεσ
ζολυμε Ι



É PROIBIDA A VENDA DESTE
MATERIAL

ÍNDICE

Prefácio	1
Capítulo I	3
Capítulo II	6
Capítulo III	9
Capítulo IV	13
Capítulo V	16
Capítulo VI	20
Capítulo VII	23
Capítulo VIII	27
Capítulo IX	30
Capítulo X	34
Capítulo XI	39
Capítulo XII	43
Capítulo XIII	46
Capítulo XIV	49

Prefácio

O título escolhido para este breve tratado pode à primeira vista parecer muito ambicioso ou presunçoso, ou mesmo ambos. Alternativamente, pode ser considerado enganoso sobre o fundamento de que este não é realmente um manual prático.

Parece, portanto, aconselhável, desde o início, advertir o leitor pretendente que, nenhuma reivindicação é feita neste para qualquer conhecimento especial da Arte diferente dos quais podem ser adquiridos a partir do estudo aplicado das obras publicadas dos autores Alquímicos, e o uso de tais poderes de percepção e intuição a respeito de suas fraseologias reconhecidamente envolvidas e enigmáticas como o autor pode possuir.

Necessariamente diversos assuntos geralmente classificados sob o título geral do Ocultismo terão de ser considerados, e algumas observações preliminares no âmbito desta categoria não podem ser inadequadas.

Muitas pessoas afastam-se do Ocultismo por causa das associações indesejáveis em suas mentes com credulidade e superstição, neuroses e histeria, charlatanismo e fraudes, e porque elas estão acostumadas a considerar o que o resto genuíno deva ser deixado como fundado em indesejáveis e perigosas práticas.

Em consideração, no entanto, será encontrada a mesma impressão que prevalece in toto entre muitos a respeito do Espiritismo, e em parte sobre o Misticismo, enquanto as religiões ortodoxas não escapam completamente ilesas.

Não se pretende aqui ceder aos desejos da apologética em nome do Ocultismo, que, desvestem das ilusões mantidas sobre ele, perfeitamente capaz de falar por si mesmo aparentemente, e não requer nenhuma defesa. É apenas proposto discutir o que é denominado Teurgia, que é a parte prática da Alquimia Espiritual, na medida em que os limites do espaço e fuga das technicalidades indevidas permitirem.

Teurgia, definida um pouco mais cuidadosamente, significa "*A Ciência ou Arte das Obras Divinas*", e é o mesmo que Anagogia ou Trabalho de Aperfeiçoamento. Em Alquimia isto é chamado de "*Grande Obra*", que é a purificação e exaltação da natureza inferior através da aplicação correta dos princípios científicos, de modo que possam se tornar unidos com os seus homólogos superiores, através do qual o indivíduo pode alcançar o Espiritual, e finalmente, a Consciência Divina.

Fosse esta definição mais comumente reconhecida, é possível que haveria menos equívocos e menos incompreensões por parte dos adversários das Ciências Arcanas que existem atualmente, e que não haveria tanta condenação onde não houve investigações aplicadas anteriores.

Gostaríamos também de dizer uma palavra por meio de desculpas ao leitor, que pode sentir que temos feito um uso excessivo de citações. Nosso objetivo é duplo. Em primeiro lugar, que ninguém pode imaginar que eles têm de confiar apenas sobre as especulações de alguns amadores diletantes em Ciências Ocultas, mas que eles possam ver por si mesmos as fontes de que nossas conclusões são tiradas.

Em segundo lugar, porque nos sentimos incapazes de melhorar os dizeres desse escritores, salvo apenas por reunir as referências que não são meramente espalhadas através de suas várias obras, mas também, por sua própria confissão, colocadas muitas vezes fora de sua sequência e relacionamentos adequados mesmo em seus livros individuais. Passagens assim correlacionadas freqüentemente assumem novas importâncias, e delas, por vezes, a verdade emerge inesperada. Se tivermos conseguido em qualquer medida, assim, jogar luz sobre os ditos dos sábios, por pouco que seja, teremos mais do que alcançado nosso objetivo.

Capítulo I

Teurgia ou o Trabalho Telético[1], foi a própria essência do ensino das Escolas de Mistério do Egito, da Samotrácia e de Elêusis; de Zoroastro, de Mitra e de Orfeu. E no Egito, o berço de todos eles, foram iniciados muitos dos homens proeminentes de sua época, como Pitágoras, Platão, Demócrito, Eudoxo, Arquimedes, Crisipo, Eurípedes, Proclo, Thales e muitos outros.

Além disso, muitos dos Padres da Igreja, como Clemente de Alexandria, Cirilo e Sinésio, também foram iniciados nos Mistérios e os consideravam sagrados e eficazes, transferindo, em parte, a própria linguagem, ritos e disciplinas deles às suas próprias formas de culto, como é até hoje presente.

Proclo nos diz que *"O Rito Perfectivo conduz a maneira como a muesis[2] ou iniciação mística, e depois disso é a Eoptéia[3] ou contemplação"*.

Platão chama a Mágica Zoroastra *"O Serviço dos Deuses"*, e Psellos afirma que *"Sua função é iniciar ou aperfeiçoar a alma humana pelo poder dos materiais aqui na terra, para a faculdade suprema da alma que não pode por sua própria orientação aspirar as sublimes intuições, e, para a compreensão da Divindade"*.

Clemente de Alexandria faz alusão aos Mistérios como Bem-aventurados e diz: *"Oh, Mistérios verdadeiramente sagrados! Oh, pura luz! Na luz dos archotes o véu que cobre a Divindade e os Ceus caem. Eu sou Santo agora que eu sou iniciado"*. Enquanto Sinésio, falando em termos alquímicos, declara que *"a Quintessência é outra senão nossa viscosa, celestial e gloriosa alma, elaborada a partir do seu extrato pelo nosso magistério"*.

Nem são os falecidos alunos e mestres da arte, afamados por terem compreendido entre si homens como Apolônio de Tiana, Alberto Magno, Roger Bacon, Paracelso, Arnaldo de Villa Nova, Pico della Mirandola, Tritêmio, Boehme, Cornelius Agrippa e muitos outros.

Mas, deixamos o aspecto histórico, que, embora interessante, é relativamente sem importância, e vamos ao nosso assunto. Teurgia é intimamente associada com a Religião; é, de fato, a sua verdadeira essência; pois em investigação descobrimos que sob as formas alegóricas e exotéricas de todas as doutrinas antigas, e cuidadosamente oculta dentro de todos os seus escritos sagrados, há um princípio fundamental que é em todos os casos o mesmo, mas ainda está invariavelmente escondido de uma forma ou de outra.

Este ensinamento central lida com o renascimento, ou o nascimento superior, e, se formos acreditar nos registros da antiguidade, é, e sempre foi, um corpo definido de ensino científico sobre o assunto, o conhecimento de que, embora cuidadosamente guardado, nunca foi negado ao candidato genuíno e sério.

Infelizmente, as limitações mentais e espirituais da maior parte da humanidade ao longo dos tempos, sempre impediu o ensino público desta ciência, e exigiu a manutenção do mais estrito sigilo, o conhecimento que está sendo invariavelmente dado em uma linguagem envolvida, complicada e invejosa de símbolos e alegorias.

Este é, naturalmente, uma constante fonte de incômodo para muitas pessoas hoje, que se declaram como sendo opostas ao princípio a que chamam de "segredo artificial" em qualquer figura ou forma; e para um número ainda maior, que, desprovidos de quaisquer princípios específicos, são

decididamente avessos a tomarem para si o trabalho necessário, mas desejam uma exposição clara na forma "popular".

Como Sra. Arwood, em sua *Investigação Sugestiva*, muito sucintamente coloca: "*Sem tais iscas sedutoras para indolência, podem ser encontrados no frontispício da escola de meia-idade de filosofia; sem tais simplificações da ciência como temos ouvido agora são pertencentes a Alquimia. É verdade, são Revelações, Entradas Abertas, Novas Luzes e Verdadeiras Luzes, Luz do Sol e Luz da Lua, com outras Auroras e Amanheceres retratados; Manuais, Léxicos Introdutórios de termos obscuros, com significados não menos obscurecidos; Carruagens Triunfais também. Bandeiras, Portões, Chaves e Guias, também, sem número, todos dirigindo na mesma Estrada Real quando este é encontrado; mas inútil para a maioria dos peregrinos; nada que observamos de jeito e maneira adequou-se aos significados e gostos da classe milionária de leitores, cujas compreensões, como a de filhos mimados, cresceram flácidas; e pelo excesso de objetos de ensino, se esqueceu de como pensar*".

Quanto à reclamação dos outros, é difícil entender o que se entende por "*sigilo artificial*", a menos que signifique fazer um segredo do nada, ou fingir ter alguma informação secreta, quando de fato não se tem nenhuma — uma carga que já é há muito tempo estabelecida injustamente contra os Alquimistas. Se este é o sentido da frase, não podemos senão concordar de todo coração, mas se ela significa a retenção deliberada de um certo conhecimento das massas, então depende inteiramente das razões que podem ser dadas para o sigilo, a esse respeito o termo "*artificial*" é justificável.

Agora, se o objeto da Teurgia e Alquimia Espiritual é somente a purificação e exaltação da Alma, pode-se argumentar que tal conhecimento deve ser transmitido e não obscurecido; que é, obviamente, para o bem da humanidade, e que, ocultá-lo é virtualmente penal.

Mas é preciso lembrar que aquilo que se propõe é um método de desenvolvimento acelerado da Alma por uma ré de cultura intensiva, como é afirmado em muitos lugares; e parece que há razões de sobra para aqueles que estavam em posse dos conhecimentos necessários serem cautelosos em transmití-los. E estas razões, quando nós as examinamos, devem aplicar-se igualmente à força hoje para aqueles que, caso estes existam, que são os guardiões do segredo.

Para a prática desta arte, abrem-se possibilidades muito perigosas, envolvendo, como é dito para fazer, uma compreensão do funcionamento e aplicação de certas forças misteriosas da natureza, comumente chamadas de mágicas.

Agora, mágica é um termo puramente relativo, a magia da antiguidade, ou parte dela, sendo do conhecimento comum de hoje. Mas o conhecimento é poder, e poder sempre pode ser usado de suas maneiras, para o bem ou para o mal. Temos apenas que olhar à nossa volta para ver os resultados chocantes de uma divulgação insensata do conhecimento, vendo que o homem é quase sempre tentado, e quase que invariavelmente sucumbe à tentação de usar seu conhecimento para fins exclusivamente pessoais e materiais, e muitas vezes para a destruição. Razão pela qual isto pode muito bem ser apresentado de que há pelo menos um excelente *fumus boni juris* para sigilo.

Isto de qualquer maneira foi a convicção dos Alquimistas, como testemunha o rifão de Raimundo Lullo, "*Eu juro-te sob minha alma que tu és maldito se revelar essas coisas. Pois toda virtude procede de Deus e somente para Ele é devido. Portanto tu reservarás e guardarás segredo daquilo que somente Deus deve revelar, e tu afirmarás e reterás as coisas cuja revelação é para Sua honra. Pois, se revelares em poucas palavras aquilo que Deus tem formado a muito tempo, tu deverás ser condenado no grande dia do julgamento como um traidor da majestade de Deus, nem tu nem tua traição devem ser perdoados. Pois a revelação de tais coisas pertencem a Deus e não ao homem*".

Justificado ou não, no entanto, o segredo existe, e pode muito bem ser exigido onde pistas podem ser a melhor pedida, que pode ser seguido na busca por essa sabedoria zelosamente guardada.

A resposta parece ser a de que tais indícios podem ser encontrados em quase qualquer lugar nos escritos religiosos, filosóficos e místicos, quer do Oriente ou do Ocidente, mas que provavelmente virá com mais facilidade para a maioria dos Ocidentais que tomarem o Egípcio, Semita e Grego, e não os sistemas Orientais. Por esta razão, portanto, um estudo de determinados livros da Bíblia, especialmente o Pentateuco, Salomão, Jó, Ezequiel, os Evangelhos, as Epístolas de São Paulo e o Apocalipse de São João, será encontrado produtivo, especialmente se o aluno for auxiliado por alguns conhecimentos da Qabalah, que é a grande chave para sua compreensão. Entre os livros não-canônicos Enoque e Sabedoria são úteis, e além destes escritos semitas, o chamado Livro Egípcio dos Mortos, as obras de muitos dos Filósofos Gregos, os fragmentos Gnósticos e Herméticos, exposições dos Mistérios, especialmente Iamblico, e quase todos os escritores Alquímicos, estão cheios de iluminação.

Das três fontes mencionadas acima, Egípcia, Semita e Grega, a primeira é, sem dúvida a mais antiga, mas o Egito deixou poucos vestígios para nós. Os Judeus derivam seu conhecimento deles principalmente através de Moisés, o que quer que eles possam ter adotado posteriormente da Caldéia, Babilônia e outras fontes, e que mesmo os Gregos obtiveram muito de suas inspirações e conhecimentos reais das suas Escolas de Mistério.

Assim, portanto, é que a Qabalah, a tradição Mística Judaica, que foi transmitida oralmente durante séculos, e não foi escrita até uma data ainda indeterminada de nossa época, constitui uma das principais chaves, não apenas para as Escrituras Judaicas e Cristãs, mas a todas as outras fontes já mencionadas, pois a linguagem do símbolo e alegoria é uma linguagem universal, e o estudante vai observar por si mesmo que muitos dos escritores Alquímicos foram declarados Qabalistas.

Como, porém, a Qabalah é um assunto altamente técnico, e como é proposto evitar tecnicismos tanto quando puder, alusões diretas a ela serão dadas o mínimo possível nas páginas que se seguem.

Com toda a massa de pistas que nos cercam por toda parte, quando começamos a olhar seriamente para elas, é difícil saber onde fazer um começo, pois rever todos eles tomariam volumes. Ainda assim, como a ciência dos antigos era uma ciência casual e fundamentada em pressupostos universais para particulares, será melhor apanhar algum símbolo do Universo, e em seguida buscar sua contraparte em nós mesmos, através da qual podemos vislumbrar alguma idéia do que era para ser alcançado, e depois tomar alguma outra pista, que pode nos levar a uma compreensão de como era para ser feito.

No entanto, como nossa busca é interessada principalmente com a Alma, vamos em primeiro lugar nos dedicar a uma reflexão sobre algumas das posições detidas pelos antigos quanto a ela.

[1] **Telética**: Tendência ou aspiração para um fim de superação material, espiritual e moral, constantemente renovado pelo poder psicodinâmico do espírito.

[2] **Muesis**: Do Grego *μυσις*, de *μυο* muo, velar - O último ato nos Mistérios menores, ou *τελεται* teletai, denotando a separação do iniciado da vida exotérica anterior - o velamento [muesis] dos olhos para o exterior como expressão do ser velado a partir da antiga vida.

[3] **Epoitéia**: Do Grego Antigo *ἐποπτεία* (epopteia). O rito final de iniciação nos Mistérios de Elêusis. Estado de consciência possível de contactar o Saber, o Divino.

Capítulo I I

Onde quer que direcionemos nossa atenção no mundo físico ou espiritual, é provável encontrarmos um aparente paradoxo, e isto deve, portanto, causar-nos nenhuma surpresa ao encontrar tal estado das coisas existentes.

Estamos acostumados à idéia de que o homem não é um ser simples; que ele é composto de corpo e alma, ou mesmo de corpo, alma e espírito, no entanto, parece haver considerável negligência na forma como esses dois últimos termos são utilizados.

Nós também admitimos que a alma é a parte principal do homem; é, de fato, o próprio homem, deixando de lado pelo momento a diferenciação entre a alma e o espírito. Mas nós achamos difícil compreender que a alma é ao mesmo tempo indivisível e divisível; isto é, tanto única e possuindo partes.

No entanto, esta hipótese está subjacente ao ensino dos Egípcios, Hebreus e Gregos, que estamos considerando principalmente, e somos obrigados a formar uma visão coerente das divisões da alma se quisermos seguir os escritos em que nos propomos a buscar em nossas pistas.

Talvez seja mais simples considerar primeiro algumas das idéias Qabalísticas sobre a Alma, pois elas possuem uma terminologia bem definida, que está ausente em muitos dos outros. Isso irá nos fornecer um padrão de comparação e de correspondências que devem ser claramente úteis.

De acordo com o Zohar, a alma foi dividida em três partes, das quais a maior foi denominada Neshamah, correspondente ao mundo intelectual; a segunda Ruach, a sede do bem e do mal, correspondente ao mundo moral; e a terceira, Nephesch, a vida animal e desejos, o que corresponde ao mundo material do sentido.

Agora, Neshamah era dividida em três partes, pois, como a parte superior da alma, ela representou o que foi denominado a Tríade Suprema, composta pelas três primeiras Sephiroth ou Emanações.

É necessário aqui divagar por um momento para explicar que o sistema da Qabalah postula a existência de dez Sephiroth — que podem ser consideradas tanto como Emanações, ou as Supremas Idéias Abstratas de Deus — adequadas em quatro Mundos chamados Atziluth, Briah, Yetzirah e Assiah, que são respectivamente Arquetípicas ou pura Divindade, Criatividade, Formativo e Material. A primeira Sephira compreende o primeiro mundo, que de Atziluth, os dois seguintes ao da Briah, nos próximos seis a de Yetzirah, e o último de Assiah.

A Tríade Celestial, portanto, acima mencionada, sendo composta pelas três primeiras Sephiroth, abraça os primeiros dois Mundos, e as três divisões do Neshamah, que são chamadas Yechidah, Chiah e Neshamah respectivamente, são referidos, o primeiro a Atziluth e no próximo duas para Briah.

A primeira delas transmite, portanto, a idéia ilimitada e transcendental do Grande Absoluto e Incompreensível Um na Alma. Esta é ligada por Chiah, o que sugere a idéia de ser essencial, com Neshamah, e esses dois juntos representam Sabedoria e Entendimento, o governo superior, idéia criativa, a aspiração ao Inefável Um na Alma.

Neshamah, por sua vez, conecta estas Supernas com o Ruach, uma palavra que significa Espírito, e este aqui é a Mente, o Poder de Raciocínio, o que possui um conhecimento do bem e do mal. É de notar cuidadosamente que esta é a mente racional ou discursiva, e não a mente superior, que é representada por Neshamah.

Por último, temos o Nephesch, este que é o poder na Alma, que representa as paixões e os apetites físicos.

O Zohar, Parte II, fol. 94b, diz-nos que, o homem recebe ao nascer a Alma Animal (Nephesch), e se ele é digno, o Ruach ou Espírito Intelectual. Por último, se ele ainda é mais digno, Neshamah, a Alma que emana do Trono Celestial (pelo qual se entende o Mundo Beri'ah). Não precisamos, no entanto, entrar em um exame da possibilidade do homem se o Ruach, ou a sua natureza, mas façamos a suposição justificada de que o homem de todos os fins práticos, de acordo com a Qabalah, é constituído de Corpo, Nephesch e Ruach, que é Corpo, Alma e Espírito.

Entre os Gregos, Platão também faz uma tríplice divisão, tal como Plotino, apesar de outros, como por exemplo, o Filolau[1] Pitagórico, dá quatro.

Tomaremos o sistema Platônico como sendo, provavelmente, o mais conhecido e mais frequentemente citado. Ele dá a Nous ou mente superior; o phrên ou thumos, a mente inferior, inclusive, segundo alguns, a natureza psíquica; e a epithumia, compreendendo a natureza emocional e os desejos dos animais, apetites e paixões. As faculdades da mente inferior e superior que sub-divide em quatro, dois para cada um. Para o menor, ele atribui Eikasia, a percepção de imagens, e Pistis, fé e uma espécie de tato psíquico da verdade. Para o superior ele se refere a Dianoia, ou raciocínio filosófico, e Noesis, ou cognição direta. As duas primeiras são reunidas sob o título de Doxa, a opinião ou o conhecimento na maior parte ilusório, enquanto as outras duas estão classificadas como: Gnose ou Episteme, sabedoria ou conhecimento verdadeiro.

As primeiras das duas sub-divisões do Doxa inclui a totalidade de que o corpo de conhecimento que chamamos o indutivo, ciências físicas, sendo estas exclusivamente preocupadas com a observação e investigação de fenômenos do universo material. A segunda abrange as inúmeras formas de credos e crenças dogmáticas resumidas como uma regra como a religião exotérica.

Dos dois tipos de Gnose, a primeira refere-se aos aspectos mais especulativos da filosofia, onde é feita uma tentativa para chegar a um conhecimento dos princípios primários por meio do raciocínio puro, enquanto o segundo grau implica o poder da mente diretamente para apreender a verdade sem passar por qualquer processo intermediário de raciocínio.

Comparando este sistema com o da Qabalah, observamos que a Nous corresponde com o Neshamah, o phrên com o Ruach e a Epithumia com o Nephesch.

No que diz respeito à atribuição das quatro faculdades da mente inferior e superior, o leitor pode sentir-se um pouco duvidoso quanto à atribuição da razão filosófica para a mente superior ou Nous, que, a partir do seu próprio nome, está definitivamente associada à noética ou faculdade epistemológica de percepção direta da verdade, mas, essas questões são, afinal, de uma importância relativamente pequena.

Parecido com as idéias que expus acima são as seguintes passagens da resposta de Abammon à Porfírio (Iamblico, *De Mysteriis*), quando alude aos conceitos herméticos. Ele diz: "*Para o homem, como*

afirmam esses escritos, tem duas almas. A primeira é a partir da Primeira Inteligência, e é participante do poder do Criador, mas a outra é dada a partir das revoluções dos mundos do céu, as quais as almas contempladoras de Deus regressam... Mas a Alma que está em sua qualidade superior do mundo da Inteligência, é superior ao movimento do mundo existencial gerado, e através deste se realiza tanto o desligamento do destino quanto aos progressos ascendentes para os deuses do Mundo da Mente.

A disciplina Teúrgica, na medida em que conduz para cima, para o Incriado, é feita por completo por uma vida desta espécie... Para que a alma tenha um princípio de seus próprios líderes em todo o reino da Inteligência, e não apenas mantendo-se contra as coisas do mundo existencial gerado, mas também juntando-se ao que é, mesmo com a natureza divina... (e) não há outro princípio da alma, que é superior a todo o reino da natureza e existência gerada. Por isso nós podemos estar unidos aos deuses, superar a ordem estabelecida do mundo, e também participar na vida eterna e da energia dos deuses do alto dos céus. Através deste princípio, somos capazes de nos libertarmos."

Aqui, no entanto, para fazer a comparação com as idéias Qabalísticas, encontramos alusão ao Ruach, ao Neshamah, e para um princípio superior ainda, presumivelmente o Yechidah. Para o Ruach, como vimos, corresponde ao Mundo Yetzirático ou formativo, aqui aludido com os "mundos do céu", enquanto Neshamah é a idéia de sabedoria e de entendimento, que, em nossa proposta, é "a maior qualidade mental do mundo da Inteligência". Mas Abammon continua a dizer que há um outro princípio além disso, pelo qual nós participamos na vida eterna e da energia dos deuses.

Em conclusão, e tal como se ilustra a enorme importância inerente à maior parte da alma, o Neshama, a Nous ou a Mente, os seguintes excertos são de interesse, e talvez fossem também de salientar aqui e agora que nenhuma destas citações são escolhidas apenas para ilustrar o ponto imediatamente sob consideração, mas todas têm a sua influência sobre o trabalho telético.

O Zohar, Parte I, fol. 246 (*La Kabbale*, Franck) diz: "Vem e vê. O pensamento é o princípio de tudo o que é; mas é inicialmente desconhecido e fechado em si mesmo. Quando o Pensamento começa a desenvolver-se adiante, ele chega a esse grau, onde torna-se Espírito. Chegou a esta propriedade que leva o nome de Inteligência, e não é mais como era antes, fechado em si mesmo. O Espírito, por sua vez, se desenvolve no seio do mistério com que é cercado; e nele procede uma voz que é a reunião dos coros celestiais, uma voz que rola adiante em distinta enunciação articulada, pois vem da Mente."

No Divino Poemander de Hermes Trismegisto, Livro II, encontramos o seguinte: "Meus pensamentos sendo uma vez trabalhados seriamente sobre as coisas que são, e meu entendimento levantado acima de todos meus sentidos corporais sendo totalmente mantidos novamente; julguei ver alguém de uma estatura muito grande e infinita grandeza me chamando pelo nome, e dizendo a mim. Que queres compreender, aprender e saber? Então eu disse: Quem és tú? Eu sou, disse ele, Poemander, a Mente do Grande Senhor, o Imperador mais poderoso e absoluto. Eu sei o que queres ter, e eu estou sempre presente contigo... Eu sou a Liz, a Mente, o teu Deus, que estou diante da natureza úmida que apareceu fora da escuridão, e essas Palavras brilhantes e luminosas da Mente é o Filho de Deus. Como é isso? Eu disse. Assim, respondeu ele, compreenda. Aquilo que, em ti, vê e ouve a Palavra do Senhor, e da Mente, o Pai, Deus, não diferem entre si, e a união destas é a vida... Eu, a mente, estou envolvida em homens que são santos e bons e puros e misericordiosos, e que vivem piedosamente e religiosamente, e a minha presença é uma ajuda para eles; e imediatamente eles sabem todas as coisas."

[1] **Filolau de Crotona**: (século V a.C.), filósofo pitagórico. Tradicionalmente se aceita que este filósofo tenha escrito um livro em que expunha a doutrina pitagórica (que era secreta e reservada apenas aos discípulos). Os fragmentos de seu livro conservam os mais antigos relatos sobre o pitagorismo e influenciaram fortemente Platão que, segundo a tradição, teria mandado comprar o referido livro, pagando por ele uma razoável quantia.

Capítulo I I I

Agora, no final do Capítulo I, propusemos seleccionar alguns símbolos nos quais podemos olhar para uma pista do que estava para ser alcançado, e a fim de que possamos ter algum tipo que seja quase universalmente familiar e, ao mesmo tempo, encontrar seu paralelo na literatura Alquímica, dificilmente podemos fazer melhor do que escolher um dos mais antigos de todos, a Serpente.

Este símbolo pode ser seguido de volta para as idades mais remotas, da mesma forma como pode o Falicismo, com o qual é geralmente associado e aliado. Mas não deve ser pensado por um momento que este último nunca foi parte integrante da crença dos iluminados, ou que a qualquer momento adoravam serpentes, embora essa acusação seja feita muito frequentemente contra eles. O fato é que o Simbolismo da Serpente começou a ser mal interpretado pelo ignorante em um estágio muito precoce, as pessoas confundiram o símbolo pelo fato de uma forma que foi imitada por seus sucessores, nas várias religiões do mundo desde então. O que, então, está por trás dos Mitos da Serpente? É geralmente admitido que a Serpente era muito usada como símbolo de Sabedoria, Criação, Geração e Regeneração ou Renascimento, e faremos bem em considerar e relacionar algumas dessas idéias, a fim de ver se não podemos, por esse estudo, descobrir a pista que estamos procurando. Vamos, portanto, tomar estas quatro ideias sucessivamente, começando com a Sabedoria.

Serpentes sempre foram associadas com a Sabedoria dos primeiros tempos, embora lado a lado com elas houveram as "*serpentes perversas*" e "*serpentes curvas*" como a sua antítese mal. Para ir mais longe do que a Bíblia, temos a injunção de Cristo aos apóstolos (Mt. x. 16), "*Sede vós, pois, prudentes como as serpentes*", que pode significar nenhum mal de conhecimento; defronte da qual temos a serpente mencionada pela primeira vez nas Escrituras, a Serpente da Queda, que estava "*mais sutil que qualquer besta do campo que o Senhor Deus tinha feito*".

Em seguida, houve, por um lado, as serpentes ardentes que afligiram os Filhos de Israel no Deserto, e por outro lado, a Serpente de Bronze que Moisés fixou sob um pólo que o povo pode ser perfeitamente curado. Este último é a Serpente da Sabedoria Qabalística, a Serpente Nogah, retorcida sobre o pilar central da Árvore Sephirotica (para as dez Sephiroth, que mencionamos no Capítulo II, foram organizadas pelos Qabalistas em três Colunas ou Pilares, arranjo pelo qual foi designado por eles como a Árvore da Vida), e é interpretada com ou sem razão na Simbologia Cristã como um tipo de Cristo Crucificado.

O rumo deste exemplo sobre o nosso tema é bem ilustrado pelo seguinte exemplo de exegese bíblica atribuída por Hipólito ao Peratae[1], uma outra Escola Gnóstica desconhecida. É admiravelmente resumido por G. R. S. Mead, em seu *Fragments of a Faith Forgotten*. Ele diz:

"Assim, pois, eles explicaram o mito do Êxodo. Egito é o corpo; todos aqueles que se identificam com o corpo são os ignorantes, os Egípcios. 'Sair do esconderijo' do Egito é deixar o corpo, e passar pelo Mar Vermelho é atravessar o oceano da geração, os animais e a natureza sensual, que está escondida no sangue. Contudo, mesmo assim eles não estão seguros; atravessando o Mar Vermelho eles entram no Deserto, o estado intermediário de dúvida da mente inferior. Lá eles são atacados pelos 'deuses da destruição', que Moisés chamou de 'serpentes do deserto', e que afligem os que procuram escapar dos 'deuses da geração'. Para eles, Moisés, o professor, mostra a verdadeira serpente crucificada na cruz da matéria, e por seu intermédio eles escapam do deserto e entram na terra prometida, o domínio da mente espiritual, onde está a Jordânia Celestial, a Alma do Mundo. Quando as Águas da Jordânia baixam o fluxo, então é a geração dos homens; mas quando flui para cima, então é a criação dos Deuses."

Deixando a Bíblia, temos o Globo Alado do Egito, em muitos exemplos de que podemos ver as serpentes gêmeas, levando-nos a não natural inferência que era o protótipo do Caduceu de Hermes (que era, naturalmente, o Thoth Egípcio), outra forma da idéia retratada como a Árvore da Vida da Qabalalah.

Para que não se pense que estamos distanciando da idéia de Sabedoria, deve-se salientar que o estudo e a compreensão dessa Árvore foi a descoberta da Verdadeira Sabedoria, tipificada nos Cinco Portais Místicos do Entendimento de Binah, a terceira Sephira, a Mãe Celestial, cujo nome significa Entendimento.

Mas como este ponto, Sabedoria, terá de ser destacado em duas das seguintes seções, Criação e Regeneração ou Renascimento, não vamos persegui-lo ainda mais para o momento.

No Mito da Criação, a evolução do universo, de acordo com algumas escolas, segue a analogia física da geração do homem no ventre de uma "serpente" e um "ovo". Mas a serpente Cósmica foi diversas vezes descrita como a Grande Potência, o Turbilhão Ilimitado, o Poderoso Redemoinho, enquanto o Ovo figurou como o Envelope abraçando o Todo do sistema mundial, como a primordial "Neblina Ígnia", que ainda é tão familiar nas teorias modernas. Assim entendida, a serpente era um tipo de Vondade de Deus, a Inteligência Divina, a Mente do Pai, o Verbo ou Logos. O Ovo representava a idéia primordial, a Grande Mãe Celestial. O universo embrionário, portanto, retratado como um círculo, o Ovo, com uma serpente torcida em volta dele ou colocada de modo diamétrico, representando o autor do Cosmos e o Homem. Foi o Criador do Homem, mas, no entanto, era suposto que o homem poderia utilizar a força da serpente e criar-se por ela; mas primeiro ele deve deixar da geração e libertar-se da sua labuta.

Antes de deixar este mito particular, vamos ver o que Thomas Vaughan em sua *Magia Adamica*, ao lidar com o Emepht[2] Egípcio, como ele denomina o - chamado Emeph por Iamblico - pode nos dizer. Em termos de Teologia Egípcia, ele diz:

"Sua Doutrina Católica, e onde eu acho que todos eles concordam com isso. Emepht, no qual expressam o Supremo Deus – e que, na verdade, eles consideram o verdadeiro Um – significa propriamente uma Inteligência ou Espírito convertendo todas as coisas em Si Próprio e Si Próprio em todas as coisas. Isto é muito soado com Divindade e filosofia se for corretamente compreendido. Agora – dizem eles – Emepht produziu um ovo de sua boca, que Kircher expõe de forma imperfeita, e além disso erroneamente. Na produção dos ovos foi manifestada esta outra Divindade, que eles chamam Ptha, e de algumas outras naturezas e substâncias incluídas no óvulo, este Ptha formou todas as coisas. Mas, para lidar um pouco mais abertamente, iremos descrever-vos a hieroglífica, onde eles muito generosamente têm a maioria de seus mistérios, mas obscuramente descobertos. Primeiro de todos então, eles desenham um círculo, no círculo uma serpente não dobrada, mas de modo diamétrico em comprimento. Sua cabeça se assemelha a de um falcão, a cauda é amarrada em um nó de pequeno porte, e um pouco abaixo da cabeça, suas asas são volantes. Os pontos do círculo em Emepht, ou Deus, o Pai, sendo infinito - sem começo e sem fim. Além disso, compreende ou contém em si a segunda Deidade Ptha e o ovo, ou o caos, a partir do qual todas as coisas foram feitas.

O Falcão nos Símbolos Egípcios significa luz e espírito; sua cabeça anexada à serpente representa Ptha, ou a Segunda Pessoa, que é a Primeira Luz – como temos dito em nossa Antroposofia. Diz-se ser formada todas as coisas do ovo, porque Nele – como se estivesse em um vidro – de certos tipos ou imagens, ou seja, distintas concepções da Divindade Paterna, segundo a qual, através da co-operação do Espírito, quer dizer, o Espírito Santo – as criaturas são formadas. A parte inferior da figura representa a matéria ou o caos, que chamam o ovo de Emepht."

Devemos fazer aqui uma pausa antes de continuar com Thomas Vaughan, o que devemos fazer um pouco mais adiante, e considerar brevemente este nome Emepht. Segundo Iamblico deve ser Emeph, e Wilder diz-nos que muitos especulam que este nome deve ter sido Kneph. Este era o nome do Criador, na Núbia e Elephantina, e Ele foi considerado o mesmo que Amun, o Deus Supremo, em Tebas. O nome Kneph ou Neph, continua ele, praticamente idênticos aos termos semita Nephesch ou Alma, lembramos que esse Deus foi considerado como a Alma do Mundo. Mariette Bay considerou-o como o mesmo Thoth ou Hermes, o Deus da aprendizagem. Os gregos, no entanto, identificam-o com Esculápio, e os orientais com Esmun dos Ritos Kabiri.

Vamos, no entanto, ouvir Iamblico propriamente dito sobre o assunto:

"De acordo com outra organização", diz ele, "Hermes coloca o Deus Emeph como líder das Divindades celestiais, e declara que Ele é a própria mente, percepção de si mesmo, e convertendo as percepções em sua própria substância. Mas ele coloca como antes a esta divindade o Um sem partes específicas, a quem ele afirma ser o primeiro exemplar e que ele chama Eikton. Nele está a Primeira Mente e a Primeira Inteligência, e ele é adorado pelo Silêncio só. Para a Mente Criativa, guardiã da Verdade e Sabedoria, vindo para o reino da existência objetiva, e trazendo o poder invisível das palavras ocultas em luz é chamado na língua egípcia Amon (o Arcano): mas como completando tudo de uma forma genuína, sem dolo e com habilidade, Phtha. Os gregos, contudo, assumem Phtah sendo o mesmo que Hephaestos, dando a sua atenção para a arte Criativa apenas. Mas como o dispensador de benefícios, ele é chamado Osiris; e em razão de suas atribuições e outras energias, ele tem outras denominações da mesma forma."

Vindo a nossa próxima seção, Geração, vamos, se não tomarmos cuidado, nos encontrar atolados num pântano de Falicismo, para seguir a Máxima Hermética, *"O que está em cima, é como o que está embaixo"*, a Serpente é usada para ilustrar tanto o nascimento e renascimento por meio de analogias físicas com os métodos materiais de reprodução.

As forças do sexo, empregadas para os fins legítimos, a procriação, são manifestações em um plano inferior do derramamento e grande dinamizador da Divindade criativa e os processos evolucionários do cosmos. Nem é preciso salientar, no entanto, que eles estão em pólos opostos, tão longe um do outro como está a paixão animal-humano da Vontade Divina.

E os mistérios subjacentes a estas forças sexuais faziam parte do currículo previsto para os Aspirantes do antigo, mas o estudo delas não foram de ânimo leve a entender. Foram justamente considerados altamente perigosos, pois, embora o entendimento deles poderia tender a uma vida de auto-controle e ascetismo, uma mera curiosidade ociosa era suscetível de levar para as profundezas da depravação.

Neste e no que se segue pode ser assim para deixar bem claro que em nenhum lugar nos mistérios verdadeiramente sagrados, em qualquer medida do Oeste foi dado qualquer ensinamento que envolvesse as práticas sexuais físicas, tais como tentativas introvertidas de forças sexuais, esforçando-se em elaborar estes acima da espinha e no cérebro. Nessas direções, tal mentira adoece, enlouquece e mata, e nós não podemos também fortemente desencorajar ninguém de ser iludido o bastante para se brincar com tais ensinamentos espúrios e positivamente maus, que é de se lamentar, estão em curso em muitos lugares hoje em dia.

Com esta negação enfática e advertência, continuaremos.

Para o purificado em mente e corpo, a recompensa era a vidência, iluminação e conhecimento direto ou noética, mas para os impuros, bocejam o *"precipício abaixo da terra"* de que falam os Oráculos.

Assim, quase invariavelmente, encontramos na história de tais movimentos que os lados bom e mal são encontrados em grande proximidade, para o estudo dos mistérios do ser e do cosmos leva naturalmente a uma certa intensificação de toda a natureza, e se o animal e passional predominam torna-se ainda mais incontrollável. Daí muitos dos seguidores de Escolas de Mistérios foram levados em dois erros práticos e técnicos, de modo que os escritores dos séculos posteriores conseguiram apoderar-se de tais lapsos e ampliá-los em uma acusação geral contra aqueles que consideravam como hereges, ignorando completamente o fato de que os verdadeiros estudantes das ciências arcanas foram mais enérgicos em sua condenação de todos esses abusos.

Chegamos, assim, ao aspecto mais importante do nosso tema, a Serpente em relação à trajetória ascendente do candidato em particular e da humanidade em geral. E isso inevitavelmente nos coloca em contato definitivo com o nosso assunto principal, Alquimia Espiritual, Teurgia, a Terapêutica da Alma e assim por diante, onde todos os símbolos com os quais temos tratado serão exibidos novamente, mas investidos de novo significado como será visto no capítulo que se segue.

[1] **Peratae**: Peratae (latim) Peratai (grego). Um dos corpos gnósticos ou associações, o Naaseni ou Phites, a "Serpente Gnóstica", assim chamada por causa da importância mística do símbolo da serpente em seus ritos e observâncias. Este corpo gnóstico é dito por estudiosos ter sido fundado pelo Eufates, que possuía vasto conhecimento astrológico, e por causa dos ensinamentos em que sua escola seguia serem chamados de Peratai - errantes, isto é, sobre esta terra de provações e tribulações, ou "aqueles do outro lado", significando pessoas que se consideravam meros errantes ou peregrinos em regiões distantes da sua terra natal, o espírito. Entre outras idéias, eles declaram que os corpos celestes no horóscopo de uma pessoa são os instrumentos de destino ou jarma, que devido a causas geradas em outras vidas, trazem as pessoas ao nascimento na Terra sob o jugo destinado e marcado nos espaços celestes pelo sol, lua, e planetas; e no intuito de se protegerem da influência maligna dos gênios dos planetas, eles usavam sigilos ou talismãs de serpentes. C. W. King afirma que os Ophites foram os descendentes dos Mystae (iniciados nos primeiros graus de mistério) Báquicos, baseando isto no fato de que as moedas do período suportam a serpente de Baco, que é representada como levantando-se para fora do cofre sagrado, enquanto que o reverso da moeda apresenta duas serpentes entrelaçadas em torno de tochas (Gnostics and Their Remains, 225).

[2] **Emepht**: (Egípcio) "O Um, Supremo Princípio Planetário, que sopra o [mundo] ovo para fora de sua boca, e que é, portanto, Brahma"; {SD 1:367} "o Supremo, princípio primeiro, produziu um ovo; por chocá-lo, e permeando a substância com sua própria essência vivificante, o germe contido foi desenvolvido; e Phtha, o princípio ativo criativo saiu dele, e começou seu trabalho." {IU 1:146 ; 2:41}

Capítulo I V

O homem, dizem, é o Microcosmo ou Pequeno Mundo, o Universo em Miniatura, contendo em si a contrapartida de tudo o que está no Grande Mundo ou Macrocosmo, onde a injunção "*Gnothi Seauton*", "*Conhece a Ti Mesmo*", inscrita sobre os portais das Escolas de Mistério.

Nós também somos informados no Novo Testamento que o homem tem três corpos, análogos ao dos três mundos, e mais ou menos em paralelo com as três principais divisões da alma de acordo com a Qabalah e os Platônicos. Isso quer dizer que possuímos um espiritual, psíquico e um corpo físico, correspondentes ao Arquétipo, Píquico ou Formativo, e Mundos Materiais. Estes também são encontrados nos Upanishads, onde eles são chamados de corpos Casual, Sutil e Grosseiro, e seus análogos também podem ser encontrados nas idéias Egípcias sobre este tema.

O Casual, ao contrário do corpo Espiritual, Pneumático ou Neshamah, é verdadeiro, mas mal descrito como um corpo afinal, pois é do Mundo de Briah, o Arcangélico, Criativo e Mundo verdadeiramente amorfo. A partir dele, no entanto, outros órgãos podem ser considerados como derivados, e sua manifestação aos olhos do vidente verdadeiro — pelo qual não queremos dizer o psíquico ordinário ou clarividente — que normalmente assume a forma de um ovo radiante ou luz, trapaceando os outros, corpos inferiores, dentro dos quais é o Paracleto do Novo Testamento, que, no simbolismo que estamos neste momento a estudar, é a Serpente, enquanto o brilho ou a luz é o óvulo ou ovo. No grego isso é chamado de Speirema, a serpente bobina, e em sânscrito é Kundalini, a força anulada, que, nos Upanishads, é dito repousar enrolada como uma serpente adormecida. É também o Dragão dos Alquimistas e seu fogo interno.

Tantos absurdos foram escritos sobre a Kundalini, relacionando-a com correntes sexuais físicas, e indicando as práticas mais perigosas para despertá-la, que a mencionamos com desconfiança, ao mesmo tempo, reiterando o aviso que demos no Capítulo anterior.

Esta serpente é a serpente boa, mas devido ao perigo de que se acelerou no homem impuro, os Alquimistas chamavam-a um dragão venenoso e muitos outros nomes parentes, como Typhon, Apophis, Dragos de Fogo, Satanás, Aquafoetida, Ignis Gehennæ, Immundities Mortis, Sapo Negro Venenoso, e assim por diante, embora este último termo é normalmente usado apenas durante a mortificação.

O estimulante dessa força, e as preparações preliminares por esta razão, são ditos a serem simbolizados pelo Caduceu de Hermes, para as correntes positivas e negativas, representadas pelas duas serpentes devem, alega-se, serem postas em movimento e equilibradas antes do primeiro Speirema poder ser estimulado, sendo caracterizado pela haste central. E esta é ainda a Semente ou Esperma ou Fermento dos antigos Alquimistas, que é dito no Novo Testamento (I Coríntios. Xv. 36) "*Aquilo que se meias não é vivificado, exceto que morra.*" A menos que ele morra, isto é, para o mundo material dos sentidos, desejos e paixões, ele não pode ser verdadeiramente vivificado.

O símbolo do Espírito é Fogo, que reaparece aqui como a Serpente ou Dragão, e no resto da Alquimia como um de seus vários Leões, Verde, Vermelho ou Negro de acordo com o estágio da obra. Pois na Astrologia o signo de Leão é o Emblema Querúbico do Fogo, enquanto a forma do signo é o glifo de uma serpente, e a letra hebraica Teth, a que se refere no Sepher Yetzirah ou Livro da Formação (provavelmente o mais antigo livro da Qabalah), significa uma serpente e é também o símbolo de uma.

Também é bem interessante notar que o Speirema é uma Força Solar, e que Leão é a Casa Astrológica do Sol.

Thomas Vaughan, dilatando ainda mais sobre o símbolo da Serpente colocado diametralmente em todo o círculo, que foi considerado no Capítulo anterior, explica que a Serpente é a natureza Ardente, Alquimicamente Solar, o que, evidentemente, é o Espírito — embora ele não diga isso — as asas, ele acrescenta, indicam a natureza aérea volátil, que, como Ruach e Pneuma significam ambas fôlego, também Espírito. *"Finalmente", diz ele, "o nó na cauda nos diz que esta matéria é de uma composição mais forte, e que os elementos são rapidamente ligados nele."*

Agora, tudo isso é bastante semelhante ao exemplo de exegese bíblica sobre o Êxodo, que demos no Capítulo anterior, pois a palavra usada para serpentes ardentes é Serafim, e Moisés foi instruído a fazer a serpente de bronze na forma de um Seraph, e para definí-la em cima de um poste, que, como já vimos, foi o Pilar central da Sephiroth, o Pilar da Suavidade ou Equilíbrio.

O nome dessa serpente, que, como já foi referido anteriormente, é Nogah, também é significativo, pois este é também o nome da Esfera do Planeta Vênus, um fato que confirmou muitos de seus erros Fálcos; no entanto, uma pequena familiaridade com a literatura que trata desse aspecto das coisas servirá para demonstrar que os seus devotos vêm símbolos Fálcos em toda parte. Felizmente a grande maioria dos escritos Alquímicos não encontramos com isto, Vênus, mesmo em seu aspecto mais impetuoso, sustenta outro significado completamente.

A conexão entre a serpente e Vênus, que já observamos acima, não é incomum entre as alusões dos alquimistas, uma amostra da sua ocorrência, por exemplo, a terceira chave de Eudoxo[1], onde ele diz: *"Assim, na Arte você não pode ter sucesso se não purificar a Serpente no primeiro trabalho, nascida no Limo da Terra; se você não branquear essas forças sujas e negras, para separar dali o enxofre branco, que é o Sal Amoníaco da Sabedoria, e sua Diana Casta, a quem lava-se na banheira; e todo esse mistério é a extração do sal fixo de nossos compostos, em que toda a energia do nosso Mercúrio é constituída."*

Na seguinte passagem de *Lumen de Lumine*, de Thomas Vaughan, o que é uma boa amostra da terminologia Alquímica, todos estes reaparecem, as serpentes gêmeas e o Dragão em suas várias metamorfoses; o fogo, o amor e a mente, ou sabedoria e entendimento. Ele diz:

"Tome nossas duas Serpentes, que podem ser encontradas em todos os lugares da face da terra. Elas são um macho vivo e uma fêmea viva. Amarre-as ambas em um nó-de-amor e feche-as no Caraha Árabe. Este é o teu primeiro trabalho, mas o teu próximo é mais difícil. Deves acampar contra elas com o fogo da Natureza, e não se esqueça que desenharás tua linha ao redor. Circule-as e pare todas as alamedas, que não encontram rendimento. Continue esse cerco pacientemente; e elas se transformarão em um sapo feio, maltrapilho, venenoso, preto, que será transformado em um horrível Dragão ávido - rastejando e espojando-se no fundo de sua caverna, sem asas. Tocai, não por qualquer meio, não tanto quanto tuas mãos, pois não há sobre a terra tal mãe; pois a primeira é carne e a segunda é bebida, e sem essa última ele não alcança a sua plena glória. Certifique-se de compreender este segredo, pois fogo não alimenta bem a menos que primeiro seja alimentado. Trata-se dele mesmo seco e colérico; mas uma umidade adequada o tempera, dá-lhe uma aparência celestial e traz para a exaltação desejada. Alimente teus pássaros então como eu te disse, e ele se moverá em seu ninho e ascenderá como uma estrela no firmamento. Faça isso e tens colocado a Natureza "no horizonte da eternidade". Tu executado o comando do Qabalista: "Una o fim ao começo, como uma chama ao carvão; pois Deus", diz ele, "é superlativamente um e Ele não tem segundo". (Sepher Yetzirah, Cap. I, sec. 7). "Considere então o que você procura: você procura uma indissolúvel, milagrosa, transmutando, unindo a união; mas, tal laço não pode existir sem a Primeira Unidade. "Para criar", diz alguém, "e transmutar essencialmente e naturalmente, ou sem qualquer violência, é o único ministério adequado do Pri-

meiro Poder, a Primeira Sabedoria e o Primeiro Amor." Sem isso, os elementos nunca vão se casar; eles nunca irão unir-se interiormente e essencialmente, que é o fim e perfeição da magia. Estude em seguida, para entender isso, e quando tiveres realizado, Eu permitirei a ti que experiencie o Mekkubalim; "Tu tendo entendido em sabedoria, e tu tens sido sábio em compreender; tu estabeleceu este assunto sobre os elementos puros disto, e tu posta o Criador em Seu trono." (Sepher Yetzirah, Cap. I, sec. 4.)

É de se esperar que o extrato acima não irá revelar-se demasiado desconcertante para o estudante, e vamos procurar nos Capítulos subseqüentes para apresentar uma ou duas sugestões quanto ao trabalho que, em certa medida, pelo menos, lança luz sobre isto. Para o momento é suficiente traçar paralelos, tais com o que foi antes, como pode ser visto entre o sapo e a natureza passional; o dragão e a vida obstinada; a caverna, que, como habitat destes dois, é o corpo; e finalmente, a estrela, em que as outras naturezas são finalmente transmutadas, elevando-se acima das limitações do material.

Antes de passar para a próxima fase da nossa investigação, seria também para chamar a atenção para duas versões da mesma idéia que já encontramos várias vezes, nomeadamente, a necessidade de morrer para o mundo material, e deixando o mundo dos sentidos, pois teremos de voltar a eles mais tarde.

E para que ninguém seja decepcionado com tal resultado aparentemente banal de tudo que foi antes, e replique "*Tudo isso, pelo menos, sabíamos de antemão*", gostaríamos de responder que, como esperamos mostrar mais tarde, nosso sentido é tomar não apenas como indicando as preliminares, mas também, em certa medida, o significado; para o nosso fim.

[1] **Eudoxo**: Eudoxo de Cnido (em grego Ευδοξος) (Cnido, atual Turquia, entre 390 e 338 a.C.) foi um astrônomo, matemático e filósofo grego. Viajou ao Egito, de onde teria trazido o cálculo mais exato do ano solar que introduziu na Grécia. O valor que atribuía era de 365 dias e 1/4, valor adotado pelo calendário juliano. Viveu quase sempre em sua cidade natal, onde fundou em escola e um observatório. Definiu, também, o período de oito anos, chamado octateride e que tinha papel importante no calendário grego. Inventou diversos instrumentos, entre os quais a "aranha", que era um quadrante solar e que foi assim chamado devido às linhas entrecruzadas que o compõem. Seus trabalhos matemáticos, ao que se sabe, são também importantes. É-lhe atribuída a invenção do método de exaustão, que permitia aproximar duas quantidades desiguais, tanto quanto se desejasse, pelo esgotamento de suas diferenças. Também teria formulado diversos novos teoremas e se interessou pelas questões relacionadas com as seções cônicas. Mas foi sobretudo a sua hipótese cosmológica que maior impacto causou sobre a ciência grega. Esta hipótese de esferas homocêntricas é regida pelo princípio de unidade do sistema do mundo, da simetria e economia que devem reinar. Considera cada planeta como formando um céu à parte, constituído por esferas concêntricas cujos movimentos, ao se multiplicarem, levam os próprios planetas a se movimentar. Interessou-se também pela moral; teria sido o fundador do hedonismo, afirmando a identidade do prazer e do bem. Eudoxo também freqüentou a Academia de Platão. *Wikipedia.org*

Capítulo V

Agora temos que começar a nos perguntar onde tudo isso está nos levando, e a nossa resposta deve ser encontrada em uma consideração de tais registros como chegaram até nós das escolas ou sociedades que eram declaradamente dedicadas ao estudo dos Mistérios Sagrados.

Para este efeito, bem podemos tomar essa seita historicamente um tanto misteriosa chamada a Therapeutæ[1]. Nossa principal fonte de informações sobre eles é o *De Vita Contemplativa* de Fílon, o Judeu, mas podemos recolher uma boa quantidade de luz sobre nosso tema, comparando as suas declarações com as afirmações similares por escritores que representam outras escolas e seitas.

Devemos lembrar que, embora Fílon nos dá uma imagem muito boa dos Amantes da Sabedoria, como ele os chama, o subsídio deve ser feito pelo fato de que ele era apenas um irmão leigo, e, para além de todas as restrições impostas sobre ele, teria apenas um conhecimento limitado dos ensinamentos mais recônditos da fraternidade ou de suas práticas.

Como preliminar, podemos assumir que os Terapeutas não eram Cristãos, a não ser no sentido amplo de Santo Agostinho, que disse que nunca tinha havido, mas uma religião desde o começo do mundo, e que esta começou a ser chamada de Cristã nos templos Apostólicos. Também não podemos atribuir a eles uma forma particular de religião exotérica, apesar da tentativa de Fílon em alegar que eles eram principalmente Judeus. Pelo contrário, parece provável que eles eram comunidades gnósticas de ascetas, dedicados à Vida Santa e Ciência Sagrada.

Lidando com este ponto, G. R. S. Mead, em seu *Fragments of a Faith Forgotten*, diz: "*Fílon... comunidade especial... foi principalmente Judaica, embora não seja tão ortodoxa. ...Outros podem ter sido marcados tão fortemente com Egípcios, Caldeus, Zoroastro ou elementos Órficos. ...É incrível que ainda não houvesse comunidades verdadeiramente ecléticas entre eles que combinavam e sintetizavam as várias tradições e as iniciações proferidas pelas doutrinadas comunidades mais exclusivas, e é neste sentido, portanto, que temos de olhar para a luz sobre as origens do Gnosticismo, e para o fundo oculto do Cristianismo. ...Eu também acho que... qualquer que sejam as obras que eles possam ter apresentado a favor ou por pupilos-leigos foram apenas uma pequena parte de sua literatura, e para os internos, haviam aqueles tratados místicos superiores e obscuros que ninguém mas os místicos treinados poderiam entender.*"

Essa é uma tese com a qual concordo plenamente, e uma leitura dos escritos de Fílon indica claramente que as comunidades não-ecléticas tendem a confiar sob os escritos sagrados de sua própria religião, sabendo muito bem que todas as religiões foram expressões de uma, verdadeira, religião subjacente, diversificada apenas de acordo com as diferentes características, raciais e de outras formas, de seus propagadores, mas sempre redigidas na mesma língua universal do símbolo e alegoria. Cada um sabia também que suas escrituras eram para serem interpretadas com compreensão, e não para serem tratadas apenas como históricas ou mesmo éticas.

Fílon, é claro, era um judeu, e parece ter sido um irmão leigo da comunidade judaica Mareotic, do sul de Alexandria; e é interessante notar que, como nós deveríamos ter esperado, eles tinham fé sob esta interpretação das Escrituras. O termo Qabalah, entretanto, não estava em uso, como a Tradição Oral não tinha naquela época sido colocada no papel, pois tem-se posteriormente — é dito que isso é assim apenas em parte.

Ele nos diz que *"A interpretação das escrituras sagradas é baseada em determinados significados nas narrativas alegóricas; para estes homens que olham sob o conjunto de suas leis como sendo um ser vivo, tendo pois corpo a comandos de voz, e para a alma do pensamento invisível armazenada nas palavras (em que a alma racional começa a contemplar as coisas nativas da sua própria natureza, mais do que qualquer outra coisa) – a interpretação, por assim dizer, no reflexo dos nomes, captura de vista as belezas extraordinárias das idéias contidas nele, e traz à luz os significados interiores nus."*

Compare isto com os seguintes excertos do Zohar III, fols. 149 e 152 (La Kabbale, Franck):

"Se a Lei fosse, senão composta de palavras ordinárias e narrativas, como as palavras de Esaú, de Hagar e de Labão, como proferidas pelo Anus de Balaão e Balaão por si mesmo, por que deveria ser chamada de lei da verdade, a lei perfeita, bem como a fiel testemunha de Deus? Por que deveria o homem sábio valorizá-la como mais preciosa do que o ouro ou as pérolas? Mas não é assim; em cada palavra da Lei se esconde um significado mais recôndito: cada narrativa nos ensina algo diferente do que os meros eventos que parecem crônicos. E essa Lei é mais Sagrada, é a Verdadeira Lei."

Ai do homem que vê na Lei nada além de narrativas simples e palavras! Porque, se na verdade ela as continha, devemos ser capazes, até hoje, compor para nós uma lei que deva ser ainda mais digna de admiração. Para meras palavras que deveríamos senão virar os legisladores do mundo, entre os quais muitas vezes é para ser encontrado um pouco de maior grandeza. Bastaria para nós, compor uma lei no seu estilo e palavras. Mas não é assim. Cada palavra da Lei contém um mistério recôndito e sublime."

As narrativas da Lei são senão as vestimentas da Lei. Ai daquele que toma a vestimenta para a própria Lei! É nesse sentido que David disse: 'Meu Deus, abra meus olhos para que eu possa ver as maravilhas da Tua Lei.' Davi falou do que está escondido debaixo da vestimenta da Lei. Existem aqueles que são tolos o suficiente, quando vê um homem vestido com uma roupa bonita, sem olhar além, todavia o que dá valor ao vestuário é o corpo, e o que é ainda mais precioso é a alma. A Lei tem também o seu corpo. Existem aqueles mandamentos que podem ser chamados o corpo da Lei. As narrativas comuns que se misturam com ela são as vestes com que o corpo está vestido. O vagabundo está presente senão para o vestuário externo ou para as narrativas da Lei; nada sabem; não vêem o que está escondido debaixo da roupa. Quanto mais instruídos entre os homens não prestam atenção ao vestuário, mas apenas para o corpo que o cobre. Finalmente os sábios, os servos do Rei Supremo, aqueles que habitam sobre as alturas do Sinai, para atender apenas a alma, que é a base de todo o resto, que é a própria Lei; e em um tempo para vir, eles estarão preparados para contemplar a alma desta alma que respira na Lei."

Dionísio (Epístola IX, Tito Episcopo) diz: *"Saber isto é não obstante a coroa do trabalho - que há uma dupla tradição dos teólogos, a secreta e mística, e outra evidente e mais conhecida."*

Novamente, Orígenes, o Padre da Igreja, sobre o mesmo assunto é digno de nota. Em Homil. VII. em Levit., ele diz: *"Se fosse necessário dar ênfase à letra da Lei e compreender o que nela está escrito à maneira do povo, eu deveria envergonhar-me em dizer em voz alta que é Deus quem nos deu essas Leis, e gostaria de encontrar grandeza maior na legislação humana, como por exemplo, dos Romanos, Atenienses ou Lacedemônios."* E em Homil. V. em Levit., admite francamente a distinção entre os significados históricos, morais e interiores, respectivamente, comparando-os ao corpo, alma e espírito.

Diversas outras declarações, tais como estas, poderiam ser citadas, mas temos de voltar a Fílon, que insinua que o nome Therapeutæ indica *"que professavam uma arte de cura superior a que era utilizada nas cidades, pois curava apenas corpos, apesar desta curar almas."* Também, ele acrescenta, *"Porque eles foram educados pela natureza e as leis sagradas de servir Aquele que é melhor do que Bom, e mais puro do que o Um e mais antiga do que a Mônada."*

Isto nos leva às alturas do sublime onde a mente tem dificuldade de segui-lo, então vamos ver o que a luz mística de ordem prática, o autor do Livro do Santo Hierotheos[2], pode jogar sobre essas idéias. Esse livro, de que tomamos os extratos que se seguem, presume-se em evidências muito fortes de ter sido originalmente escrito por Próclo, que foi iniciado nos Mistérios, mas foram posteriormente traduzidos e substituídos por um Cristão, que enxertado sobre ela uma terminologia Cristã e um grande número de citações da Bíblia alheias ao original. Tem em conta, no entanto, para estas diferenças, não parece que o sentimento é de modo algum alterado ou a seqüência lógica do livro destruída. Nosso autor diz:

"Pois quando a Mente é considerada digna dessas coisas, não verá pela visão, nem pela forma... para que, doravante, seja exaltada em mistério glorioso e divino para tornar-se acima da vista e da forma... E, doravante, ela abandona mesmo o nome de Cristo... e assim não ama nem deseja ser trazida para perto (o Pai)... Para Io, o próprio nome do Amor é um sinal" – se destaca, pois o Amor não é estabelecido por um, mas por dois... "E então iremos maravilhar-nos com o mistério e dizer: Oh, a profundidade e as riquezas e a sabedoria e o intelecto, muito acima da designação de Divindade, a Mente Perfeita, que foi cumprida..." Vamos então, colocar de lado Unificação e falar de Misturação... (pois) a designação de Misturação é apropriada para as Mentes que tornaram-se 'acima da Unificação...'. Nós não podemos ver as distinções das Mentes quando elas têm Misturação com o Bem... (pois) Mente já não é Mente quando está misturada... Tudo se torna Uma Coisa; até mesmo para Deus deve passar, e Cristo será aniquilado, e o Espírito não deve mais ser chamado de Espírito... Este é o limite de Todos e o fim de Tudo... Todos em Um e Um em todos... Antes do primeiro Início, Deus não era Deus, e novamente, após a consumação de Tudo, Ele não é Deus."

Muito semelhante é o gradimento da "Grande Proclamação" citada por Hipólito, e atribuído por ele a Simão, o Mago, traduzido como se segue por G. R. S. Mead:

"Para você, por isso eu digo o que digo, e escrevo o que escrevo. E o escrito é o seguinte:

Dos Aeons universais existem dois crescimentos, sem começo ou fim, brotando de uma Raiz, que é o Poder Silencioso, invisível, inapreensível. Destes, um aparece de cima, que é a Grande Potência, a Mente Universal, ordenando todas as coisas, masculino; e outra, de baixo, o Grande Pensamento (ou concepção), feminino, produzindo todas as coisas.

Daí combinados entre si, eles se unem e se manifestam no Espaço Médio, incompreensível Ar (Espírito) sem começo ou fim. Nesse (Ar) é o (segundo) Pai, que sustenta e alimenta todas as coisas que têm começo e fim.

Este (Pai) é Ele que ficou, está e estará, um poder masculino-feminino, como o pré-existente Poder Ilimitado, que não tem começo nem fim, existente na unidade. Foi a partir deste Poder Ilimitado que o Pensamento, que anteriormente tinha sido escondido na unidade, primeiro procedeu e tornou-se dois.

Ele (o Ilimitado) foi um; tendo-a em Si mesmo, Ele estava sozinho. Entretanto, Ele não era 'primeiro' embora 'pré-existente', pois era só quando Ele se manifestou a Si próprio em que houve um 'segundo'. Nem era chamado Pai antes (Pensamento) chamou Ele Pai.

Como, portanto, produzindo Si mesmo por Si mesmo, Ele manifestou a Si mesmo o Seu próprio Pensamento, assim também Seu Pensamento manifestado não fez o (manifestado – o segundo) Pai, mas contemplando Ele, Ele o ocultou – é isto. Seu poder – em si mesma e é do sexo masculino-feminino, Poder e Pensamento.

Por isso eles correspondem entre si, sendo um; pois não há diferença entre Poder e Pensamento. Das coisas acima é descoberto o Poder, e aquelas abaixo o Pensamento.

Assim, se trata de passar o que se manifesta a partir deles, apesar de um, é encontrada a dois, masculino-feminino, tendo a fêmea em si mesma. Igualmente é a Mente em Pensamento; pois eles são realmente um, mas quando separados, aparecem como dois."

[1] **Therapeutæ:** Os Terapeutas (masculino, pl.) e Therapeutrides (feminino, pl.), de acordo com a descrição em De Vita Contemplativa, pelo filósofo judeu Fílon de Alexandria (c. 20 aC - 50 dC), que parece ter sido pessoalmente familiarizado com eles, eram "filósofos" (cf. I.2) que vivam em uma colina perto do lago Mareotis de Alexandria, em circunstâncias semelhantes (cf. III.22), sendo "os melhores" de um determinado tipo de "bondade perfeita" que "existe em muitos lugares do mundo habitado" (cf. III.21). Fílon deriva o nome Terapeutas/Therapeutides do grego θεραπεύω no sentido de "curar" ou "adoração" (cf. I 2), enquanto Pseudo-Dionísio favorece o significado de "servos".

[2] **Hierotheos:** Herotheos, o Thesmothete, é o reputado chefe e primeiro bispo dos Cristãos Atenienses. O título thesmothete significa governador, ou arconte júnior, de Atenas (literalmente "direito"). Pouco se sabe de Hierotheos (Ἱερόθεος "santificado por Deus"); a tradição da Igreja afirma que ele era um dos homens mais cultos na cidade de Atenas. Ele foi instruído no Cristianismo pelo apóstolo Paulo, que o batizou e ordenou-lhe em torno do ano 53. Hierotheos freqüentemente visitava e instruía São Dionísio, o Areopagita. Há um desacordo sobre se Hierotheos realmente foi um sacerdote ou bispo; algumas tradições descrevem Dionísio como o primeiro bispo de Atenas. O neoplatônico do século V, Pseudo-Dionísio falou de Hierotheos. No entanto, Pseudo-Dionísio, aprovou o anterior Dionísio como um pseudônimo e um dispositivo literário e, portanto, não se sabe de fato se o Hierotheos original e a descrição de Hierotheos Pseudo Dionísio forneceu em suas obras eram puramente ficcionais ou uma homenagem velada ao contemporâneo do século quinto de Pseudo-Dionísio. Assim, houve um Hierotheos e houve também um Pseudo-Hierotheos.

Capítulo VI

Mas, voltemos ao nosso Therapeutæ, Fílon afirma que seu objetivo era despertar em si o que ele chama de *"o mais indispensável dos sentidos. Não me refiro à vista corporal, mas a da Alma, em que verdade e falsidade são distinguidos... Deixe a raça dos Therapeutæ, sendo constantemente ensinados a ver, visam a visão da realidade, e passar do Sol visível para o sentido."*

Na tentativa de atingir a estas alturas, davam-se todas as posses materiais, e habitavam em comunidades, vivendo nas mais simples das habitações. E em cada habitação, como Fílon diz, *"é um lugar sagrado chamdo de um santuário ou mosteiro, na solidão em que eles realizaram os mistérios da vida santa, em que o conhecimento e a devoção crescem juntos e são aperfeiçoados."* Ele acrescenta que ao amanhecer e ao anoitecer eles estavam acostumados a oferecer orações, enquanto que *"todo intervalo do amanhecer ao pôr do sol eles dedicam-se aos seus exercícios."*

Quase não precisamos enfatizar essas duas palavras *"mistérios"* e *"exercícios"*, que no original são próximos imediatos suficientes para atrair a atenção, mas este é um ponto com o qual teremos de lidar mais tarde.

Fílon continua: *"Tomando a Escritura Sagrada, eles gastam seu tempo em estudo, interpretando o seu código ancestral alegoricamente, pois eles pensam que as palavras do sentido literal são símbolos de natureza privada, que é feita claramente apenas pelo significado oculto."* Mas com este ponto já tratamos em comprimento suficiente.

Estes e outros devotos continuaram a tradição das Escolas de Mistério de maior antiguidade, de frente aos ensinamentos Neo-Platônicos posteriores incutidos por Plotino e Porfírio, que ensinaram um sistema análogo ao do regime Persa mais tarde, ensinando que a Mente Superior, a Alma Universal e Natureza procedem por emanção do Absoluto, e para que esse Absoluto seja atingido, por breves períodos, por disciplina filosófica, contemplação e êxtase, como Wilder coloca, a gnose ou união íntima.

Esta é a grande diferença entre Misticismo como tal e a Teúrgica, ou, as chamadas Escolas Mágicas, pois os ancestrais eram um sistema de impassibilidade, e foi descartado pelos Hierofantes, que es-tebelecera-m que a prática dos Ritos Teúrgicos exalta a Alma sobre a Mente-Superior e se torna Um com o Absoluto, que pode mesmo tornar-se permanentemente em Um.

Destas práticas, Iâmblico diz em seu *De Mysteriis*: *"Não é o conceito que une os sacerdotes teúrgicos aos Deuses; então o que está lá para impedir aqueles que buscam a especulação filosófica contemplativa de ter união teúrgica aos Deuses? Agora... Este não é o caso... É o completo preenchimento dos desempenhos Arcanos, a realização dos mesmos através de um modo digno dos Deuses e ultrapassando toda a concepção, e também o poder mudo dos símbolos que são percebidos pelos Deuses somente, que estabelece a União Teúrgica. Daí que não afetamos essas coisas pelo pensamento."*

Temos anteriormente citado Clemente de Alexandria, um dos mais célebres dos Padres da Igreja primitiva. Os três primeiros livros de sua obra perdida, *Stromata*, sustenta uma forte semelhança com as três dases dos Platônicos - Purificação, Iniciação, e Visão Direta, ou, como Iâmblico as classifica, Chegando à Divindade, Assimilação à semelhança da Divindade e Perfeição.

Esta segunda autoridade, falando do que as invocações realizam, nos diz que *"Por tal finalidade, portanto, os Deuses são graciosos e propícios, dão diante à luz em abundância aos Teurgos, quer chamando sua alma para cima, tanto para si próprios... e acostumá-los enquanto eles ainda estão no corpo, para se manterem afastados das coisas corpóreas, e também para serem levados até as suas próprias eternas e noética Causa Primeira... A partir dessas execuções... a alma retribui outra vida, ligada a outra energia, e vê as coisas com razão, parecendo mesmo não ser uma energia humana, mas a energia mais abençoada dos Deuses... O caminho superior através das invocações gere efeito para os sacerdotes uma purificação das paixões, uma liberação das condições de vida gerada e também uma união para a Causa Divina... (Eles) de maneira nenhuma, como o termo parece implicar, (envolve) uma incinacão da mente dos Deuses para os seres humanos, mas ao contrário, como a própria verdade ensinará, a adaptação da inteligência humana para as participações dos Deuses, levando-a para cima junto a eles e trazendo-a em acordo... (Para que) os Ritos realizados pelos Adeptos do conhecimento superior trazê-los para as raças superiores, e anexá-las em conjunto, tornando-se assimilados."*

E isso leva à contemplação ou Eoptéia no seu sentido mais elevado, dos quais Hierotheos diz que *"Para a Mente Pura pertence o poder de ver acima e abaixo... Para a total consideração do segredo da Mente Pura (é) sem limite e abraça tudo."* E acrescenta que ele está falando de coisas que ele viu.

Neste ponto, talvez, deva ficar claro que quando falamos de Deuses, como temos feito e devemos fazer ainda mais, especialmente nas citações, não se deve pensar que estamos ficando longe da idéia fundamental de um monoteísmo essencial. Nem era essa idéia na mente dos líderes dos Mistérios, seja no Egito ou em outros lugares. O termo Deuses ou Divindades eram um termo técnico que denota certas ordens elevadas de Seres Espirituais, que, em comparação com a gente, foram melhor descritos como Deuses. Tais eram, por exemplo, os Aeons Gnósticos, o Elohim do Gênesis, alguns dos Daimons Gregos, muitas das Divindades Egípcias e assim por diante.

Antes de todos estes; antes da manifestação; antes das coisas que realmente são; antes mesmo dos primeiros princípios de todas as coisas; antes do Bem; antes do Um; antes mesmo Ser ou Pensar, há Aquele que é excluído de todas as compreensões mortais.

Como os Oráculos antigos disseram: *"Nele é um ilimitado abismo de glória, e de lá sairá uma pequena faísca, que faz toda a glória do Sol e da Lua e das Estrelas. Mortal, eis que o pouco que eu sei de Deus; não procure saber mais Dele, pois isso é muito além de tua compreensão, no entanto tu és sábio; como para nós, que somos Seus ministros, quão pequena parte somos Dele!"*

Mas para resumir. Em toda parte, até agora, fomos atingidos pela idéia de Ritos e Cerimônias, Exercícios, Mágica, e assim por diante, e seria talvez assim como analisar um pouco mais cuidadosamente o que essa gente entende por Mágica. Nas mentes de muitos, esta é associada com Grimórios e tais literaturas; com Necromancia e outras artes desagradáveis, como a confecção de imagens de cera e alfinetes furando-as e assim por diante. É, no entanto, ao contrário, reivindicado pelos Teurgos que ela é a Sabedoria e Filosofia da Natureza e seus efeitos. Um Mago é, portanto, um Contemplador do Celestial e coisas Divinas; um homem sábio e um sacerdote, que, parafraseando Pico della Mirandola, pela conexão de agentes naturais e pacientes, cada um responsável pelo outro, podem produzir tais efeitos que são maravilhosos para aqueles que não conhecem as suas causas.

Paracelso, em sua *Filosofia Oculta*, Cap. II, diz: *"É uma ciência mais secreta e oculta das coisas sobre-naturais da Terra, que tudo o que é impossível de ser encontrado pela razão do homem pode através desta Arte, que é a mais pura e não negada."* Enquanto Cornélio Agrippa, que também escreveu três livros sobre *Filosofia Oculta*, afirma (Livro I, cap. 2): *"Mágica contém a mais profunda contemplação das coisas mais secretas, junto com a natureza, energia, qualidade, substância e suas virtudes, como também o conhecimento de toda a na-*

tureza."

Elias Ashmole, que publicou o *Theatrum Chemicum Britannicum* (1652), resume a situação em suas notas para o *Ordinall of Alchimy* de Norton, dizendo: "*A Magia aqui pretendida é Divina, Verdadeira, da sabedoria da natureza, e de fato, compreende toda a Filosofia da Natureza, sendo um perfeito conhecimento das obras de Deus e seus efeitos. É o que reduz toda a filosofia natural da variedade de especulações sobre a magnitude das obras, e cujos mistérios são muito maiores do que toda a filosofia natural já em uso e onde a reputação chegará.*" Com afirmação, somos da opinião — sem querer ofender — é verdade hoje como no dia em que foi feita.

Isso envolve a teoria de Agrippa que a ordem e a simetria do Universo é regulada na forma mais baixa das coisas, pertencente à região sub-celestial ou elementar são imediatamente subserviente ao meio ou celestial, e estes, por sua vez à super-celestial ou inteligível, enquanto estes últimos obedecem ao Supremo. Que ainda não há uma ligação analógica entre eles, por que as essências espirituais podem ser atraídas para baixo, ou melhor, um espírito particular pode ser unido ao Universal, a pura e simples mente do ser humano sendo convertida e colocada no sono de sua vida presente tão absolutamente, como ser colocado em sua natureza divina e tornar-se iluminado com a luz divina.

E isso está em harmonia com os Teurgos Egípcios, que disseram que os Deuses eram Essências Espirituais e foram caracterizados como luz, deixando a luz inafetada, enquanto o participante era preenchido, recebendo todas excelentes qualidades de espírito, sendo purificado e liberto de todas as paixões e os impulsos regulares. Para a busca dessa luz era necessário que todos devessem dar-se inteiramente, pois, por seus meios se obtém a verdade e a excelência perfeita nas almas, com a ajuda de ambas, das quais o Teurgista voa seu caminho para o Fogo Intelectual que é o final de todo o conhecimento e de toda a prática Teúrgica.

Este é o Fogo de que fala o Oráculo. "*E quando, depois de todos os fantasmas, verás aquele Fogo Santo e Amorfo; tal Fogo que lança-se e relampeja-se através das profundezas ocultas do Universo, ouve tu a Voz do Fogo.*"

Mas o Oráculo também diz: "*Então, portanto, primeiro o Sacerdote que governa as obras do Fogo, deve regar com a Água do alto-mar retumbante.*" Assim, a primeira preliminar deve ser de purificação, sem a qual nada pode ser tentado de uma forma mais profunda, de acordo com um outro provérbio do mesmo Oráculo: "*Tu não invoques a auto-conspícua Imagem da Natureza, antes teu corpo foi removido pelos Ritos Sagrados, desde sempre procurando arrastar para baixo da Alma, dos confins da matéria saltando adiante os demônios terrestres, não mostrando nenhum sinal de verdade ao homem mortal.*"

Capítulo VI I

Essa magia, portanto, esses ritos, cerimônias e exercícios, estavam nos primeiros estágios direcionados para uma purgação e purificação da natureza inferior, unindo-se posteriormente aos seus vários homólogos superiores, até que, tendo reunido-se em conjunto, como se fosse, ter alcançado um estado de unificação em si mesmo, podendo tentar a operação suprema e final da *at-one-ment* [N.T.: paranomasia do inglês *atonement* = reparação, *at-one* = unificado, *at-one-ment* = unificação] ou ausência de segregação, unindo-se indissolivelmente com o que está além de toda a idéia de individualidade. Mas esta última fase é completamente removida de toda a compreensão humana, mesmo na fase anterior acontecendo, como não estamos surpresos ao saber, em um período muito tardio, e então com os poucos excedentes.

Mas dizemos claramente que há "*senão uma forma linear ao longo*" das purificações para o nível superior, afim de que possamos fazer bem o nosso começo aqui, mais próximo à Terra.

Podemos, naturalmente, tomá-la como uma condição *sine qua non* que que o aspirante deva levar uma vida o mais virtuosa e altruísta possível, mas esta é apenas uma condição necessária, pois sem alguma assistência a mera abstenção do mal é suficientemente difícil e distante de ser tudo o que for necessário. O próprio desejo de fazer o mal deve deixar de existir; tentações devem deixar de ser tentações, se quisermos alcançar o nosso fim. E isso não deve ser atingido pela repressão da popa de todas as emoções e sentimentos, o "*extirpar*", que é muito falado e muito enganado, pois as emoções são a força motriz, sem a qual nada pode ser feito, e a destruição delas não são algo a ser contemplado.

Transmutação é o que é necessário, e aqui devemos notar que, como Frei Bacon - e com ele todos os outros concordam - nos diz: "*As espécies não são transmutadas, mas sua matéria sujeita preferencialmente, portanto, o primeiro trabalho é reduzir o corpo em água, que está em mercúrio, e isso é chamado de Solução, que é o fundamento de toda a arte.*"

Isto é tão claro e um enunciado definido, e que é muitas vezs expresso por todas as autoridades, em termos quase idênticos, que não podemos dar ao luxo de ignorar isso, e seria assim, portanto, tentar e averiguar o que se entende por isso antes de nos esforçarmos para descobrir qualquer pista de como ele era para ser feito.

No *Carruagem Triunfal do Antimônio*, Basílio Valentim, lidando com a necessidade de se privar do Antimônio de sua natureza venenosa para que ele possa retornar a ela, lança uma considerável luz sobre o assunto. Para evitar a prolixidade indevida, citaremos principalmente a partir da tradução um tanto abreviada de A. E. Waite, condensando-a ainda mais, de forma a apresentar apenas fundamentos. E, para que sua ilustração pareça demasiado "rústica" — para usar seus próprios termos — vamos primeiro dar ao leitor as observações do seu comentarista, Kirchringius, sobre a passagem em questão. Ele diz:

"*Esta primeira chave é a parte principal de toda a Arte; ela abre o primeiro portão, que também irá desbloquear o último, que conduz ao palácio do Rei. Não só acredite, mas considere e observe. Aqui você fica na entrada; se você errar a porta, todo o curso será o seu erro; toda sua pressa ruinará; e toda sua sabedoria, loucura. Aquele que obtém essa chave, e conhece o método que permite usá-la, e tem força para girá-la, adquirirá riquezas e uma passagem aberta para os mistérios da alquimia. Não despreze estas observações. Pode haver repetição aparente aqui, mas não há nada supérfluo. Retorne muitas vezes mentalmente para eles; leia, marque, aprenda e digira in-*

interiormente tudo o que é dito. Pode ser que nessa água turva, que parece tão improvável, você possa apesar de tudo pegar seus peixes. Se o excesso de luz prevalece aqui, não será permitido que você veja, nenhuma quantidade de leitura alquímica obscura dispersará a escuridão do seu interior."

Isto é pelo menos encorajador. É de se esperar que o leitor não vai encontrar as observações de Valentino propriamente dito no inverso. Ele diz: "*Aqui jaz a chave mestra de toda nossa Arte. Antimônio, que contém em si o seu próprio vinagre, deve ser preparado de modo a eliminar totalmente a sua natureza tóxica. A elaboração do Antimônio ou a Chave do Antimônio, é aquele pelo qual é dissolvido, descoberto, dividido e separado. Na extração de sua essência, na vitalização de seu Mercúrio, o processo é contínuo e esse Mercúrio deve depois ser precipitado na forma de um pó fixo.*

O mesmo processo pode ser observado, por exemplo, na fabricação da cerveja; cevada, trigo ou outros grãos devem ser submetidos a todos estes processos antes que se torne uma bebida saborosa. Em primeiro lugar, deve ser amassado e dissolvido em água. Isto é a Putrefação ou Corrupção. Então, a água é despejada fora e o grão úmido é deixado em um lugar quente até que germinem e grudem um no outro. Esta é a Digestão. Seguidamente, os grãos são mais uma vez separados uns dos outros e secados, tanto no sol ou antes do ardor. Esta é a Reverberação ou Coagulação.

O germe é então preparado no chão do moinho. Trata-se de calcinação vegetal. É depois cozido sobre o fogo, e seu espírito nobre é misturado com a água de uma forma que não teria sido possível antes dele ter sido tão preparado. Isso nós podemos chamar de destilação. Este método de conversão de água em uma bebida fermentada pela extração do espírito do grão é desconhecido para (muitos e) tenho apenas encontrado poucos que entendem tal Arte.

Subseqüentemente, uma nova separação ocorre por meio da Clarificação. Um pouco de fermento é adicionado, o que desperta a sua temperatura interna e movimento, e, portanto, com tempo o bruto é separado do sutil e o puro do impuro. A cerveja, assim, torna-se de grande eficácia; antes desta clarificação, ela se tornaria, porque o espírito operativo foi obstruído e prejudicado pela sua própria impureza em cumprir seus objetivos.

Depois disso, podemos trazer outra separação por meio da Sublimação Vegetal. O espírito, por este processo, e por Destilação, é separado em forma de outra bebida, ou espíritos ardentes. Aqui a virtude operativa é separada de seu corpo; o espírito é extraído por meio de fogo, e abandonou sua habitação inerte e sem vida, em que antes era domiciliado.

Se tal espírito ardente for retificado, você tem Exaltação. Quando isso é feito e o espírito é várias vezes destilado, torna-se, por ser purificado de todos os mucos e aquocidades, vinte vezes mais eficaz do que antes, e é volátil e sutil e penetrante.

Saibam que essas ilustrações estabelecem uma grande verdade do momento mais alto, que tenho apresentado para que você possa estar em perigo de perder o seu percurso logo no início. (Pois) Antimônio também é comparado a uma ave que é nascida através do ar sobre as asas do vento, e vira para onde ele vai. O vento ou o ar aqui representa o Artista, que pode mover-se e impelir o Antimônio para onde lhe agrada e colocar-o onde quer que ele goste."

No final da Carruagem Triunfal, na seção sobre a "Pedra Ígnea", ele nós dá uma relação breve mas plenas declarações relativas a esta solução ou separação, que, faz com que seu comentarista, Kirchringius, exclame: "*Você está no seu perfeito juízo, Basílio, de modo a prostituir a Pedra, que até agora tem sido tão cuidadosamente mantida em segredo por todos os Sábios? Você tem deixado sair todo o segredo.*"

O leitor não pode exatamente compartilhar da ansiedade de Kirchringius — embora não podemos

deixar de esperar que ele irá — no entanto, aqui é o que Valentim diz: "*Mas nenhuma substância pode ser de alguma utilidade na geração de nossa Pedra sem fermentação. Do corpo tangível e formal devemos obter a entidade espiritual e celestial (eu quase não sei que expressão usar para descrevê-la). Mas a propósito do que digo, o que posso dizer? Falo como alguém que perdeu temporariamente o controle sobre os órgãos da fala. Se um átomo de julgamento ainda permaneceu para mim, eu não deveria ter aberto a boca tão amplamente, e deveria ter ficado em minhas mãos até o último momento.*"

Igualmente direto ao ponto é Lucas no sexagésimo sétimo Dictum da *Turba Philosophorum* quando ele diz: "*Eu declaro que a definição desta arte é a liquefação do corpo e da separação da alma do corpo em que penetra.*" E Sinésio, quando ele nos diz que "*A Quintessência é outra coisa senão a nossa alma viscosa, celestial e gloriosa, elaborada a partir de sua mineração pelo nosso magistério.*"

Se podemos nos oferecer qualquer comentário, diríamos que o segredo está seguro o suficiente, tanto quanto a grande maioria está em causa, pois apesar que algo possa ser razoavelmente óbvio agora, do que tem de ser feito nesta primeira parte da obra, ainda só é, por assim dizer, a primeira metade da primeira parte, e isto sem quaisquer detalhes e sem quaisquer pistas de como esta separação deve ser produzida.

A primeira omissão pode ser facilmente corrigida, pois em toda literatura sobre este assunto, encontramos variações sobre o tema antigo "*Solve et Coagula*", dissolver e coagular, volatilizar e corrigir. E estas são apenas duas partes complementares de uma operação, e são, portanto, freqüentemente tratadas como um ser. Na verdade, pelo menos na Alquimia Espiritual, a grande variedade de condições que encontramos, como a reverberação, a circulação, coação, molificação, revisão, putrefação, etc., é meramente uma repetição destes dois processos separadamente ou combinados.

Isso nós podemos ver que o provérbio dos Filósofos citado por Salomão Trismosin, o professor reputado de Paracelso, em seu *Splendor Solis*, onde ele diz em seu tratado segundo, "*dissolver e sublimar a coisa, e, em seguida, destilá-lo, coagulá-lo, fazê-lo subir, fazê-lo descer, mergulhá-lo, secá-lo, e sempre até um número indefinido de operações, que ocorrem ao mesmo tempo e no mesmo vasilhame.*"

Compare isto com Alberto Magno, que diz: "*Tome a natureza oculta, que é nosso Latão, e lave-o para que possa ser puro e limpo; dissolva, destile, sublime, encere, calcine e corrija-o; a totalidade do que não é nada mais do que sucessivas dissoluções e coagulações para fazer o fixo volátil e o volátil fixo. O início de todo trabalho é a solução perfeita.*" E Sinésio, que nos leva ao mesmo tempo a uma nova fase em sua descrição, dizendo: "*Note que para dissolver, calcinar, colorir, branquear, renovar, banhar, lavar, coagular, beber, para decocção, corrigir, moer, secar, e destilar são todos um e significam nada mais que cozer a natureza até que ela seja aperfeiçoada. Note ainda que para extrair a alma ou o espírito ... nada mais são do que as calcinações supramencionadas ... É através do fogo da extração da alma que o espírito sai suavemente; compreenda-me, o mesmo pode ser dito da extração da alma para fora do corpo, e a redução da mesma depois sobre até o mesmo corpo ... que está embaixo, sendo semelhante ao que está acima, que se manifestam duas luminárias, uma fixa, e outra não ... (E quando finalmente) o que está embaixo sobe sobre o que está acima (então) tudo está comprovado, há questões adiante, um incomparável Erudito.*"

Podemos, portanto, ao que parece, concluir esta parte de nossa investigação, desta forma, ampliando a dedução efetuada no final do nosso quarto capítulo. Não apenas temos de purificar tanto quanto possível o espírito humano, mas fazer uma extração do mesmo, para que ele possa, em certa medida, literalmente, deixar o mundo dos sentidos, e tornar-se o voador volátil do que Hermes fala. Depois que devemos trazê-la novamente em seu corpo, que é para ser tingida assim. Mas o consenso geral de opinião entre os nossos autores é que isto não pode ser feito de qualquer maneira sem oração,

de modo que seria assim ver o que eles têm a nos dizer sobre isso antes de prosseguir.

Capítulo VII I

Desde o início, então, estamos a considerar a oração, com a qual inclui o uso apropriado de invocações, cerimônias e rituais sempre que necessário, como não menos importante parte dos ritos sagrados, tanto de purificação e telético. E os Alquimistas nos dizem, não menos do que os Hierofantes dos Mistérios, os Profetas do Antigo Testamento e os Apóstolos do Novo, que sem ela nada pode ser feito. Norton, no primeiro Capítulo de seu *Ordinal*, diz:

*"Mestre maravilhoso e Arquimago
É a tintura da sagrada Alkimia:*

*Uma ciência maravilhosa, Filosofia secreta,
Uma graça singular & presente do todo poderoso;*

*Que nunca foi encontrada pelo laboro dos Homens,
Mas pelo Ensino, ou começo da Revelação.
Nunca foi vendida por Dinheiro ou comprada,
Por qualquer Homem que a requisitou:*

*Mas dada a um homem capaz pela graça,
Forjada com grande Custo, com longo arranjo e espaço.
Também nenhum homem pode ainda alcançar essa Ciência,
Mas se Deus envia-lhe um Mestre para ensinar-lhe:*

*Para ele é tão maravilhosa e tão desconhecida,
Que deve ser ensinada de boca em boca,
Pelas Conjunções de Deus o Homem não pode desfazer,
Mas se sua Graça consentir plenamente,
Por preencher desta Ciência, que nosso Senhor acima
Tem dado aos Homens que ele ama;*

*Portanto Patriarcas anciãos convenientemente
Chamaram esta Ciência Sagrada Alkimia."*

E Hermes, no *Tractatus Aweus*, declara que "Esta ciência e arte eu tenho obtido pela inspiração do Deus Vivo somente, que julgou apto a abri-la para mim, seu servo." Enquanto Zachary, no *Opusculum*, é igualmente específico. "Porque ninguém", diz ele, "nunca adquiriu esta arte por acaso, mas pela oração e não por qualquer outro meio."

Basílio Valentim chama essa oração a *Invocação de Deus*, e seu comentarista Kirchringius dá-nos algumas análises do mesmo, que podemos nos beneficiar com cautela. "Todo homem sabe", ele diz, "que tem se dedicado integralmente a este negócio, como a oração é eficaz, e quantas vezes as coisas que ele procurava por muito tempo e não conseguiu encontrar, foram transmitidas a ele em um momento, como se fosse, infundido a partir de cima ou ditadas por algum gênio bom. Ela é também útil na resolução de charadas e escritos enigmáticos; pois, se você arder com um grande desejo de conhecê-los, esta é a oração: e quando você inclina sua mente para isso ou aquilo, diversamente discutindo e meditando muitas coisas, esta é a co-operação: a de que sua oração não pode ser, por falta de esforço, uma tentativa de Deus; mas todo esforço é inútil até encontrar uma solução. No entanto,

se não é desesperado, mas de imediato persistir no desejo, e não deixar de trabalhar, demoradamente, em um momento, a solução cairá; isto é revelação, que não se pode receber sem oração com grande vontade e trabalho, utilizando seu esforço máximo; e ainda assim você não consegue perceber como de todas aquelas coisas que você pensou, que não eram a solução do enigma, a solução se levantou. Este desdobramento do enigma que se abre para o mistério de todas as coisas, e mostra como a oração está disponível para a obtenção das coisas espirituais e eternas, assim como corporais e bens perecíveis: e quando a oração é feita com um coração não fingido, mas sincera, você verá que não há nada mais adequado para a aquisição do que você deseja."

Mas a oração não deve ser considerada, nas invocações dos mistérios, ou em uma das meditações privadas, sendo usada com qualquer noção iludida de influenciar os Deuses e mudar as suas mentes, como se fosse entidades vacilantes como nós, sujeitos a bajulação e capazes de serem seduzidos por uma petição dirigida habilmente. Ninguém deve supor que o fim dos rituais sejam fórmulas, para forçar os Deuses a esta ou àquela manifestação de seus poderes, como se o homem devesse fixar-se a ser maior do que eles, pois na verdade é o contrário.

Mas há uma coisa essencial para nós que é divina, ou a essência mental se este termo é preferível, pelo menos, algo que é ou pode ser vivamente despertado pelas orações; e esta, quando totalmente exercitada, e deseja ardentemente e com energia para o seu homólogo, e torna-se unida à perfeição absoluta, embora esta última consumação não deve ser entendida como um resultado imediato, mas sim como o resultado do esforço concentrado e prolongado.

Pode-se argumentar que não é necessário rezar a Deus ou aos deuses, como puras essências mentais ou espirituais exigindo nem louvor nem a adulação, que poderiam ser tratadas adequadamente somente a Deus feito à imagem do homem, e que as orações para as necessidades materiais não devem ser feitas, como o fundamento de que o que é bom para nós será dado, e que o que nós queremos é conhecido antes de pedi-lo. Mas este é cometer um erro de toda lógica da oração, que é, pelo menos em grande parte, que o próprio ato de orar nos beneficia, por si só, e não porque ela é ouvida ou recebida através de qualquer faculdade sensorial.

Pois se nós nos julgarmos de forma honesta e justa, comparando-nos com os Deuses, então nossa própria consciência de nossa própria insignificância nos leva a uma forma de súplica, ou meditação sobre a natureza Divina, para que, como Iâmblico coloca, "*Nós somos levados em súplica ao objeto da súplica, e da relação familiar que adquirimos uma semelhança com ele, e da imperfeição que silenciosamente recebemos a Perfeição Divina.*" E se há alguma relação, ainda que remota, entre nossa meditação e a realidade, isto servirá como um laço ou conexão para nos aproximar de nossa fonte. Portanto não há nada o que é no mínimo grau semelhante aos Deuses com que os Deuses não estejam imediatamente presentes e unidos.

Assim, há três tipos principais de oração, a primeira das quais envolve a recolha e concentração de nossos pensamentos, o que por si só levará gradualmente para um contato e conhecimento genuíno de Deus. Em seguida, vem a que os efeitos do "*obrigatório em comunhão com uma única mente*". Por último, na mais perfeita forma de oração, o grau de elevação é tal que a misteriosa união é selada e sua validade garantida.

A primeira delas, como Iâmblico afirma, diz respeito à iluminação, a segunda a uma conclusão geral do esforço, e a terceira, para completar o cumprimento, por meio do Fogo ou Suprema Divindade.

Estes estágios são paralelos com os enumerados por Proclo, que são o contato, a aproximação e a união perfeita. Eles são precedidos pelo conhecimento das diferentes fileiras dos seres divinos a que pertencem, e os laços de união, através da qual nos tornamos aprovados pelos Deuses.

Pode ser assim, tendo em conta a maneira em que este ramo do nosso assunto é geralmente mal compreendido, de dizer algo sobre o chamado "*propiciações de raiva*", pois quando compreendemos a visão que os Teurgos tomaram da ira dos Deuses, a questão é bastante clara. Longe de considerá-la do ponto de vista aparentemente óbvio, que considerou que, tanto quanto se relacionava com os Deuses, era um afastamento da nossa parte de sua beneficência, bem como se estivéssemos deliberadamente para cortar-se fora da luz solar, nos fechando nas trevas. O objeto da "*propiciação*", portanto, foi para transformar-nos de volta para a participação da natureza celeste, para conduzir-nos mais uma vez para o gozo da comunhão que tinha interrompido e mais uma vez ligam-se harmoniosamente ambos aqueles que participam e as essências participantes.

Assim, aprendemos que as orações são uma parte integrante e indispensável dos Ritos Sagrados dos Mistérios, e que o exercício contínuo nelas nutre a mente, por assim dizer, e torna o que foi denominado a receptividade da alma mais espaçosa. Ao mesmo tempo ela habitua-nos para a irradiação da luz para a qual estamos nos esforçando, e por graus de conhecimento torna-se claro o arcano da Sabedoria Suprema, gradualmente, mas firmemente puxando a alma sublimada ao cume de todo o progresso possível.

Para ser breve, então, e correndo o risco de parecer redundante, tal como a oração não é suposta para influenciar ou mudar a mente dos Deuses, mas sim para um efeito em nós que nos põe em contato com os Poderes Superiores, assim também as invocações não são presumidas terem quaisquer forças convincentes sobre as Divindades, mas para virar-nos para a participação da natureza superior e para criar um elo de ligação entre os participantes e as essências que participam.

Neste ponto Proclo é claro quando diz: "*Nas invocações e na Autopsia, a Essência Divina parece após uma maneira de vir até nós, quando estamos realmente nos estendendo para o lugar.*"

Pode parecer a alguns que nós temos tratado com toda esta seção indevida no comprimento, mas na nossa opinião não é assim, por que temos que manter de uma importância considerável no trabalho. Em conclusão, no entanto, talvez devêssemos deixar claro que a oração não é necessariamente envolver em todos os momentos o uso da expressão verbal, ou a direção da oração para uma entidade pessoal. Ambos os tipos são uma pedra de tropeço para muitos, e nós não achamos que eles são como uma regra exigida pela maioria de nossas autoridades. Mas existem outros, métodos sem palavras, meditação, aspiração e afins que devem ser praticados, "*Pois se*", diz Vaughan em seu *Coelum Terrae*, "*teu desejo te leva para a prática, considere bem que tipo de homem tu és, e para o que queres fazer; pois isso não é pouca coisa. Tu resolvido com ti mesmo a ser um co-operador com o Deus vivo, e para ministrar a Ele em Sua obra de geração. Tenha um cuidado, portanto, que tú não dificulte Seu trabalho.*" "*Não assente nas borras e poças d'água do mundo*"; ele diz também em sua *Anima Abscondita Magia*, "*tenha teu coração no céu e tuas mãos sobre a terra. Ascenda na piedade e desça na caridade. Porque esta é a natureza da luz e a forma dos filhos dela.*"

Capítulo I X

Chegamos agora à parte mais difícil da nossa investigação, pois estamos começando a compreender a magnitude da tarefa que nos propomos para nós mesmos, que é nada menos do que a purificação da natureza espiritual a um ponto onde ela possa ser elevada, exaltada ou sublimada para uma união real com os seus homólogos superiores; desde que o casamento místico, como é chamado às vezes, nasce o que é mais que humano, o que pode ser chamado divino, a ascensão de Osíris ou Cristo, que é verdadeiramente um com os Deuses Eternos, com o Verdadeiro Ser.

E tal compromisso implica uma ascensão de Mundo para Mundo por processos análogos em cada um, tornando-se perfeito em cada um. Passo a passo, temos que subir a escada de Jacó, que se estende da Terra até as regiões super-celestiais, purificando e purificando em todas as fases, dissolvendo, destilando, calcinando, absorvendo, coagulando, sublimando, até que o objetivo seja alcançado, uma meta muito além das nossas mais vivas especulações imaginativas em que todas as tentativas falharam em descrever.

Pois, como Porfírio nos diz em seu *Auxiliar para a Percepção do Inteligível*, "*Quando você tem assumido para si mesmo uma Essência Eterna, infinita em si, de acordo com o poder; e começar a perceber intelectualmente uma hipóstase incansável, indomável, e nunca falha, mas transcendendo na vida mais pura e verdadeira, e cheia de si, e que de igual modo, é estabelecida em si; a essa essência, se você adicionar uma subsistência no local, ou uma relação a uma determinada coisa, ao mesmo tempo que você diminui essa essência, ou melhor, ela parece diminuir, atribuindo-lhe uma indigência de local ou de uma condição relativa de estar; você não faz, porém, na realidade, diminuir essa essência, mas separar-se da percepção de que, recebendo como um véu a fantasia que funciona sob a sua apreensão conjectural dela. Pois você não pode ir além, ou parar, ou tornar mais perfeito, ou pelo menos o efeito da mudança em uma coisa deste tipo, porque é impossível que isto seja no menor grau de deficiência. Para isto é muito mais do que suficiente qualquer fonte perpetuamente fluindo possa ser concebida para ser. Se, no entanto, não é possível manter o ritmo com isto, e tornar-se equiparado a toda Natureza Inteligível, você não deve investigar qualquer coisa que pertença ao Real Ser; ou se você fizer isso, você irá desviar do caminho que conduz a ele, e vai olhar para outra coisa; mas se você investigar mais nada, a ser estabelecido em si mesmo e em sua própria Essência, você vai ser equiparado ao Universo Inteligível, e não vai aderir a nada posterior a ele.*"

Nem deve, portanto, dizer, eu sou de grande magnitude; pois omitindo essa idéia de grandeza, você vai se tornar universal, como você era universal anterior a isto. Mas, quando, juntamente com o universo, alguma coisa estava presente com você, você se tornou menor por acréscimo; porque o acréscimo não provinha de um verdadeiro Ser subsistente, pelo qual você não pode acrescentar nada. Quando, portanto, qualquer coisa é adicionada a partir do eu-interior subjetivo, um local é concedido a pobreza como uma associada, acompanhada de uma indigência de todas as coisas. Assim, indeferindo o não-ser (o eu-interior subjetivo) você então se tornará suficiente; pois quando alguém está presente em si mesmo, então ele está presente com o verdadeiro Ser, que está em toda parte; mas quando você retirar-se, então da mesma maneira você se retira do Ser real; de conseqüência tão grande que é para um homem estar presente com o que está presente em si mesmo, isto é, com a sua parte racional, e estar ausente daquilo que é externo a ele."

Este deve ser nosso propósito presente, portanto, tendo sucintamente os objetos propostos, e destacado a seriedade da obrigação, para tentar alguma investigação dos métodos pelos quais esses objetivos podem ser alcançados, o *modus operandi* da Prática Hermética.

Isto é normalmente dividido em duas partes, denominado o Bruto e o Sutil, mas como Morien diz: *"Você deve saber que todo o trabalho desta Arte termina em duas Operações suspensas muito próximas, de modo que quando uma está completa, a outra pode começar e terminar, isto faz de forma perfeita todo Magistério."*

Uma análise das obras dos Filósofos mostra que estas duas operações são novamente sub-divididas, a grosso modo, em dois para a primeira e três para a segunda, embora estas sejam elas próprias a cada múltiplo e são infinitamente variadas por parte das autoridades diferentes, que complicam questões ainda mais por introversões freqüentes da ordem dos trabalhos, espalhando as suas instruções, aparentemente ao acaso, através de seus livros, como eles mesmos livremente confessam, a fim de que eles possam não ser muito aparentes para os não iniciados.

Estas cinco divisões principais do processo podem ser tabuladas como Preparação, Solução, Conversão, Separação, Reunião; embora deve ser lembrado que cada fase inclui operações semelhantes às que foram antes, recapitulações, repetições e assim por diante, para que nossa classificação seja de modo algum tão simples como parece.

Antes de proceder a qualquer tentativa de analisá-las, gostaríamos de colocar diante do leitor uma citação do *Azoth* de M. Georgius Beatus, que foi, como somos informados por Vaughan em seu *Coelum Terrae* - embora ele não mencione seu nome - um dos Fratres R.C. Este extrato apresenta mais claramente do que muitos de todo assunto, porém somos obrigados a admitir que o seu significado em muito lugares vai ser mais evidente para o aluno que já tenha alguma familiaridade com a Santa Qabalalah. No entanto, uma comparação inteligente com o que temos definido nos capítulos anteriores deve servir para elucidar a maioria dos seus pontos, enquanto o que temos para dizer ainda será de utilidade, nós esperamos, em considerar o restante. Ele diz:

"Eu sou a deusa da beleza e das famosas origens, nascida de nosso próprio mar que rodeia toda a terra e está sempre inquieto. Dos meus seios eu derramo leite e sangue: ferva esses dois até que eles se transformem em prata e ouro. Oh tema mais excelente, do qual todas as coisas neste mundo são geradas, embora à primeira vista tu és veneno, adornado com o nome da Águia Voadora. Tu és a Primeira Matéria, a semente da Bênção Divina, em cujo corpo há calor e chuva, que não obstante são escondidas do ímpio, por causa de teu hábito e vestimentas virgens, que estão espalhadas por todo o mundo. Teus pais são o sol e a lua; em ti há água e vinho, ouro e prata também sobre terra, que o homem mortal pode se regozijar. Depois dessa maneira, Deus nos envia Sua bênção e sabedoria e chuva, e os raios do sol, para a glória eterna de Seu nome."

Mas considere, Oh homem, quais coisas Deus dá sobre ti por teus meios. Torture a Águia até que ela chore e Leão seja enfraquecido e sangue até a morte. O sangue deste Leão incorporado com as lágrimas da Águia é o tesouro da terra. Essas criaturas usam-o para devorar e matar um ao outro, mas apesar de seu amor recíproco, e puseram sobre a propriedade e natureza de uma Salamandra, que se permanece no fogo, sem qualquer prejuízo, ela cura todas as doenças dos homens, betas e metais."

Depois que os antigos filósofos tinham entendido perfeitamente o assunto, eles procuraram diligentemente neste mistério para o centro da árvore no Paraíso Terrestre, entrando por cinco portas litigiosas. A primeira porta era o conhecimento da Verdadeira Matéria, e aqui surgiu o primeiro e mais amargo conflito. A segunda foi a preparação, pela qual essa Matéria deveria ser preparada, para que pudessem obter as brasas da Águia e o sangue do Leão. Nesta porta havia uma luta mais acentuada, pois origina a água e sangue e um corpo espiritual, luminoso. A terceira porta é o fogo, que conduz para a maturidade da Medicina. A quarta porta é o da multiplicação e potencialização, em que as proporções e peso são necessários. A quinta e última porta é a projeção. Mas mais glorioso, cheio de riquezas e superior é aquele que alcança a quarta porta, porque ele tem uma Medicina universal para todas as doenças. Este é o grande personagem do Livro da Natureza, dos quais o seu alfabeto inteiro faz surgir. O

quinto portão serve apenas para os metais.

Este mistério, existente desde a fundação do mundo e da criação de Adão, é de todos o mais antigo, um conhecimento que Deus Todo-Poderoso – por Sua Palavra – inspira na Natureza, um poder milagroso, o fogo abençoado da vida, o carbúnculo[1] transparente e ouro vermelho dos sábios, e a Benção Divina desta vida. Mas esse mistério, por causa da maldade dos homens, só é dado a poucos, não obstante ele vive e se move a cada dia, à vista de todo o mundo, como aparece a seguinte parábola.

Eu sou um dragão venenoso, presente em toda parte e tido como nada. Minha água e meu fogo dissolve e compõe. Do meu corpo tu extrairás o Leão Verde e Vermelho; mas se tu não sabes exatamente o que tu queres - com meu fogo - destruirás teus cinco sentidos. O mais pernicioso, rápido veneno sai das minhas narinas, que tem sido a destruição de muitos. Separe, portanto, o grosso do fino artificialmente, a não ser que vós deleitais em extrema pobreza. Eu dou-te faculdades, ambas masculinas e femininas, e as competências tanto do céu e da terra. Os mistérios da minha arte devem ser executados magnânimamente e com grande coragem, se queres ter-me a superar a violência do fogo, na qual muitos perderam na tentativa, ambos seus trabalhos e suas substâncias. Eu sou o ovo da Natureza, conhecido apenas para o sábio, como é piedoso e modesto, que fazem de mim um pequeno mundo. Ordenado eu era por Deus Todo-Poderoso para os homens, que podem aliviar os pobres com meus tesouros e não definir as suas mentes sobre o ouro que precede. Eu sou chamado Mercúrio Filosófal; meu marido é o ouro filosófico. Eu sou o velho dragão, que está presente em todos os lugares na face da terra. Eu sou pai e mãe, jovem e antigo, fraco e ainda mais forte, vida e morte, visível e invisível, duro e macio, descendo para a terra e subindo aos céus, mais altos e mais baixos, leves e pesados. Em mim a ordem da natureza é muitas vezes invertida - em cor, número, peso e medida. Tenho em mim a luz da Natureza; Eu sou negro e brilhante; Eu broto da terra e venho do céu; Eu sou bem conhecido e ainda mero nada; todas as cores brilham em mim e todos os metais pelos raios do sol. Eu sou o Carbúnculo do Sol, a mais nobre, terra esclarecida, pela qual tu podes transformar cobre, ferro, estanho e chumbo no mais puro ouro."

Vamos, no entanto, agora à nossa investigação sobre as diversas fases da obra. Em primeiro lugar temos a preparação, que, como já suficientemente indicada, envolve-se como uma cuidadosa e completa purificação de toda a natureza como uma constante vontade dirigida, auxiliada pela oração, meditação e aspiração podem trazer. Para isso deve ser arescentado um estudo sistemático para conhecer a Matéria, para compreender o que é com que estamos a lidar, e para uma elucidação disto, dedicamos a maior parte do que tem ido antes.

Mas, para recapitular, podemos dizer com Sinésio, como no Capítulo VII, "*que a Quintessência é outra senão a nossa alma viscosa, celestial e gloriosa, elaborada a partir do seu mineral pelo nosso magistério.*" E com Paracelso de que "*o que vemos é apenas o recipiente; o elemento verdadeiro é um espírito de vida que cresce em todas as coisas, como a alma no corpo do homem. Esta é a Matéria Primordial dos elementos, que não se pode ver nem sentir, e ainda está em todas as coisas. E a Matéria Primordial dos elementos nada mais é do que a vida que as criaturas têm; e são estes elementos mágicos que são de tal excelência e rápida atividade, que nada além pode ser encontrado ou imaginado como eles.*"

Mas mesmo estes pré-requisitos não são suficientes, pois um conhecimento da matéria deve ser completado por um conhecimento dos elementos - isto é, teoricamente, pois, nesta fase, não temos avançado para qualquer tipo de experimentação realmente prática, tais como conduzirão para os conhecimentos de primeira-mão. Mas quando os filósofos falam de um conhecimento sobre os elementos, eles não significam corporalmente, mas espiritualmente e sabiamente, '*non corporaliter, sed spiritualiter et sapienter.*'

Então, novamente, algum estudo da cosmogonia e cosmologia deve ser realizado, pois sem isso,

vendo que o homem é o microcosmo, não é possível para ele de forma segura obter um conhecimento suficiente de si para avançar para as fases subsequentes, exceto pela prática de um montante de introspecção, que é perigoso.

Veremos também, mais tarde, uma necessidade ainda maior para esta última classe de conhecimento, além do valor da mesma no ensino da auto-compreensão do aspirante por meio dos paralelos entre o universo macroscópico e ele próprio.

Todas estas são indispensáveis, e sem eles ninguém é aconselhado a aplicar-se a este trabalho, salvo, como estamos claramente ditos, ele vai perder o seu trabalho, e se enganará muito longe do verdadeiro caminho. Deixe o aspirante ao domínio da Arte Alquímica, por conseguinte, comprometer-se desde o início a uma vida de esforço e aplicação rígida.

[1] **Carbúnculo:** Rubi grande, de bela água e de grande brilho.

Capítulo X

Chegamos agora à segunda parte da primeira Obra Bruta, que é Solução, e um estudo dos escritores Alquímicos nos assegurará em breve que esta é a parte mais importante do trabalho, e a chave para todo o resto.

Aqui, também, muitos erraram mais do que em qualquer outra parte, e é bem dito "*Qui scit Salem et ejus solutionem, scit secretum occultum antiquorum philosophorum*", Quem conhece o Sal e sua solução, sabe o segredo oculto dos Antigos Sábios.

"*Aqui reside o nó*", diz Vaughan, "*e quem é que vai desviciá-lo?*" Em resposta às quais podemos citar Raimundo Lúlio, que nos diz que nunca foi posto no papel "*Porque é a sede de Deus apenas revelar essa coisa, e o homem procura tirar a Glória Divina quando ele publica, pela palavra da boca ou por escrito, que pertence à Deus. Portanto tu não podes realizar esta operação até que tens sido previamente aprovado espiritualmente para os favores da Divindade. Para este segredo nada é de revelação humana, mas pelo Espírito Benigno que sopra onde ele quer.*"

Apesar dessa informação desanimadora, ainda há muito que podemos fazer, pois pelo menos podemos descobrir, a partir de uma leitura cuidadosa de suas instruções, qual é a solução, e não deve ser excessivamente desanimador, pois este é, sem dúvida, um passo para verificar como poderia ser feito.

Eudoxo, em sua segunda Chave, nos dá uma vaga idéia a respeito do que isto é, nos dando dicas de como encontrar o segredo, incentivando-nos a acreditar que podemos fazê-lo. "*A Segunda Chave*", diz ele, "*dissolve o composto da Pedra e começa a separação dos Elementos em uma forma filosófica: a separação dos elementos não é feita, mas levantando as partes sutil e pura acima das espessura e partes terrestres. Aquele que sabe como sublimar a Pedra filosoficamente, com justiça merece o nome de um filósofo, desde que ele conheça o Fogo dos Sábios, que é o único Instrumento que pode trabalhar essa sublimação. Nenhum filósofo jamais revelou abertamente esse Fogo Secreto, e esse agente poderoso, que trabalha todas as maravilhas da Arte: quem não deve entendê-lo, e não sabem como distingui-lo da natureza segundo a qual é descrito, convém opor resistência aqui, e rezar a Deus para torná-lo capaz: pois o conhecimento deste Grande Segredo é sim uma dádiva do Céu, do que uma Luz adquirida pela força natural do raciocínio; deixe-o, no entanto, ler os escritos dos filósofos e deixe-o meditar, e acima de tudo, vamos orar: não há dificuldade que não possa ficar clara no final pelo trabalho, meditação e oração. Sem a sublimação da Pedra, a conversão dos Elementos e a extração dos Princípios é impossível; e esta conversão ... é a única maneira pela qual o nosso Mercúrio pode ser preparado. Aplique-vos, pois, para conhecer este Fogo Secreto, que dissolve a Pedra naturalmente e sem violência, e a torna solúvel em Água no grande mar do Sábio.*"

Isto é, talvez, mais esclarecedor para aqueles que têm alguma formação Qabalística — e certamente é nossa opinião que a Alquimia é praticamente um livro fechado para aqueles que não têm alguma chave para ajudá-los — e para o benefício daqueles que não têm, salientamos que o Grande Mar é um título de Binah, a Grande Mãe Celestial, a terceira Sephira, cujo análoga nas divisões da alma é Neshamah. Para esta Sephira é também referido — no Tratado Alquímico Qabalístico conhecido como *Ash Mezareph* ou o Fogo Purificador — Enxofre, cuja natureza ardente faz com que seja usado com frequência como o símbolo do Fogo Secreto dos Adeptos. Se, então tomamos o composto da Pedra como Sal, temos aqui reunido os três conhecidos princípios do Sal, Enxofre e Mercúrio.

E se isto deve ser contestado que temos senão poucos motivos para supor o sal sendo assim designado, nós respondemos que temos o apoio de Khunrath em seu *Amflitheatrum*. "A pedra filosofal", diz ele, "é Ruach Elohim, que se movia sobre a face das águas, o corpo do firmamento estando no meio, concebido e feito, verdadeiramente e de forma sensata, no ventre virgem do mundo maior, ou seja, esta Terra que é sem forma e água. O Filho, nascido na luz do Macrocosmos, médio e sem importância aos olhos do vulgo, consubstancial, no entanto, e como seu pai, o mundo menor, deixando de lado toda a idéia de qualquer individualidade humana: universal, trino, hermafroditas; visível, sensível a ouvir, cheirar, locais e finito; que se manifesta por si só, regenerativo, pela mão obstétrica da Arte Físico-Química: glorificado em seu corpo uma vez assumido, por benefícios e usos quase infinitos; maravilhosamente salutar para o microcosmo e ao macrocosmo em trindade universal. O Sal de Saturno, o filho Universal da Natureza, tem reinado, faz reinar, e reinará naturalmente e universalmente em todas as coisas; sempre e em todo universo através da sua própria fusibilidade, auto-existente na natureza. Ouça e assista! sal, este mais antigo princípio da Pedra; cujo núcleo na Década guarda em silêncio sagrado. Aquele que tem entendimento entenda; Eu falei que – não sem importância tem o Sal sido exaltado com o nome de Sabedoria: a que, juntamente com o sol, nada é encontrado mais útil."

Considerando o exposto e lembrando o que Basílio Valentim disse-nos nos capítulos anteriores, a natureza dessa solução deve agora estar ficando razoavelmente clara, no entanto, as descrições dadas são tão úteis para as informações acessórias que podem adicionar a elas, que vamos nos aventurar a dar duas, a primeiro das quais será da mesma fonte como a que acabamos de concluir.

"No primeiro ato das obras físico-químicas", diz Khunrath, "por diversos instrumentos e trabalhos e os diferentes artifícios das Mãos e Fogo, de Adrop (que em sua língua adequada é chamado de Saturno, ou seja, o Chumbo dos Sábios)" – e é, portanto, a questão primordial da Pedra, Sal, Saturno e Chumbo sendo substituíveis na sua referência a Chokmah, a Sephira segunda – "nosso coração de Saturno, os laços de coagulação com habilidade são liberados, o Duenech Verde e o Vitriol de Vênus, que são as verdadeiras questões da Pedra Sagrada irão aparecer. O Leão Verde, à espreita e escondido, é elaborado diante da Gruta de sua Colina Saturnina por atrações e atrativos adequados à sua natureza. Todo o sangue fluindo copiosamente de seus ferimentos, pela lança aguda trespassado, está diligentemente recolhido, ule e lili; a lama da terra, molhada, úmida, estagnada, impura, participando de Adão, a Primeira Matéria da criação do Mundo Maior de nós mesmos e de nossa Pedra potente, manifesta-se – o Vinho que os Sábios chamaram o Sangue da Terra, que também é o Vermelho de Lúlio, assim chamado por causa de sua tintura, que é a cor da sua virtude, grosso, denso e negro, mais negro do que o preto, estará, então, em mãos; o laço pelo qual a alma está ligada ao corpo e unidos com ele em uma substância é solta e dissolvida. O Espírito e a Alma por graus afastam-se do corpo e são separados passo a passo; enquanto isso acontece o fixo é feito volátil, e o corpo impuro (do Espírito) do dia a dia é consumido, é destruído, morre, escurece e vai para as Cinzas. Estas Cinzas, meu Filho, não considera-se de pouco valor; elas arcam o diadema de teu corpo; nelas reside nosso pigmeu, conquistando e destruindo gigantes."

Se grande parte do simbolismo acima parece muito envolvido com o gosto de alguns, a nossa segunda citação deve apelar para eles muito mais. Na declaração de Thomas Vaughan é de outro Frater R.C., que era conhecido pelo título de Sapiens, e evita grande parte da terminologia habitual dos alquimistas. "O estado de ser verdadeiro", diz ele, "é que a partir do qual nada está ausente, ao qual nada é acrescentado e nada menos ainda, pode prejudicar. O mister é que, com o qual ninguém pode dispensar. Verdade é, portanto, a maior excelência e uma fortaleza inexpugnável, tendo poucos amigos e cercado por inimigos inumeráveis, embora invisíveis nesses dias de quase todo o mundo, mas uma segurança invencível para aqueles que a possuem. Nesta cidadela está contida a verdadeira e incontestável Pedra e Tesouro dos Filósofos, que não consumida pelas traças e não perfurada por ladrões permanece para a eternidade – embora dissolva todas as coisas – estabelecida para a ruína de muitos e para a salvação de alguns.

Este assunto que para a multidão é vil, extemamente desprezível e odioso, ainda não de ódio, mas adorável

e precioso para o sábio, além de jóias e ouro. Um amante para si próprio de tudo, para todos bem perto um inimigo, ao ser encontrado em toda parte, ainda que mal descoberto por alguém, apesar dos gritos pelas ruas a todos: Vinde a mim vós todos que procuram e eu vou levar você no caminho certo. Essa é a única coisa proclamada pelos verdadeiros filósofos, que vence tudo e se vence por nada, buscando o coração e o corpo, penetrando tudo o que é pedregoso e duro, consolidando o que é fraco, que cria resistência no duro.

Confronta-nos a todos, embora não a vemos, chorando e bradando com voz erguida: Eu sou o caminho da verdade; veja que andei nele, pois não há outro caminho para a vida: nós ainda não ouvimos tudo a ela. Ela dá adiante um cheiro suave, e ainda não percebemos isso. Diariamente e livremente em seus banquetes ela oferece a nós em doçura, mas não vamos experimentar e ver. Suavemente ela nos leva à salvação e ainda rejeitamos seu jugo. Pois nós tornamos-nos como pedras, tendo olhos e não vendo, ouvidos e não ouvindo, narinas recusando-se a cheirar, uma língua que não fala, uma boca que não saboreia, pés que se recusam a andar e mãos que trabalham em nada. O miserável raça dos homens, que não são superiores às pedras, sim, tanto mais inferior porque a um e não a outros é dado conhecimento de seus atos. Sede-vos transmutados – ela chora – seja-vos transmutados de pedras mortas em pedras filosóficas vivas. Eu sou a verdadeira Medicina, retificando e transmutando o que já não é aquilo que era antes da corrupção penetrar, e em algo melhor de alto grau, e o que não está mais naquilo que deveria ser. Eis que estou à porta de sua consciência, batendo dia e noite, e vós não abrião para mim. No entanto, espero suavemente; Eu não partirei em raiva; Eu sofro suas afrontas pacientemente, esperando com isso levar você onde eu procuro trazer. Venho outra vez, e voltarei muitas vezes, vós que buscam a sabedoria: comprar sem dinheiro e sem preço, não com ouro e prata, nem mesmo pelo seu próprio trabalho que é oferecido livremente.

Oh voz sonora, Oh voz doce e gentil aos ouvidos dos sábios. Oh inesgotável fonte de riquezas para aqueles que estão à procura da verdade e da justiça. Oh consolo para aqueles que estão desolados. Que buscais ainda, vós mortais anciosos? Por seu tormento mentes com inúmeras ansiedades, ó infeliz? Por piedade, qual loucura cega você, quando dentro e não fora de você está tudo, que procura fora em vez de dentro de você? Este é o vício peculiar do vulgar, que despreza a si mesmo, desejam sempre o que é externo, nem ainda totalmente injustificável, pois de nós não temos nada que é bom. Ou se realmente possuímos algum, isto é recebido a partir Dele Quem sozinho é bem eterno. No contrário nossa desobediência tem apropriado aquilo que é mal dentro de nós de um princípio sem o mal, e além deste mal então possuído em seu interior, o homem nada tem de si próprio; pois tudo aquilo é bom em sua natureza pertence ao Senhor de bondade. Ao mesmo tempo que é contado a ele como o seu próprio que ele recebe do Bom Princípio. Ainda que vagamente a Vida que é a Luz dos homens resplandece nas trevas dentro de nós, uma Vida que não é nossa, mas Daquela que vos é de eternidade. Ele plantou em nós, que na Sua Luz habita numa Luz inacessível, nós podemos contemplar a Luz. Nisto nós superamos o resto de Suas criaturas; assim estamos formados à Sua semelhança, quem nos deu um feixe de Sua própria Luz inerente. A verdade não deve ser buscada em nosso natural, mas nesta semelhança de Deus dentro de nós.

O verdadeiro conhecimento começa quando após uma comparação entre o imperecível com o perecível, de vida e aniquilação, a alma – cedendo à atração superior do que é eterno – elege a ser feito um com a alma superior. A Mente emerge deste conhecimento e como um começo escolhe a separação voluntária do corpo, observando como a alma, por um lado, a sujeira e a corrupção do corpo, e do outro lado, o esplendor eterno e felicidade da alma superior. Sendo movido pela mesma inspiração Divina, e desprezando as coisas da carne, que anseia por ser conectada com a alma, e que sozinha deseja que se encontre compreendida por Deus na salvação e glória. Mas o próprio corpo é trazido para harmonizar com a união de ambos. Esta é a maravilhosa transmutação filosófica do corpo em espírito e espírito em corpo sobre o qual uma instrução chegou até nós a partir dos sábios da antiguidade: "Fixar aquilo que é volátil e volatizar aquilo que é fixo, e tu obterás nosso Magistério." Isso quer dizer: "Faça o teimoso corpo dócil, e a virtude da alma superior deve comunicar a invariável constância para a parte paterial, que cumprirá todos os testes. O ouro é julgado por fogo, e por este processo tudo o que não é ouro é expulso. O ouro pre-eminente dos filósofos, com o qual os Filhos dos Sábios são enriquecidos, não com aquele que é cunhado.

Vem cá, vós que buscam de tantas maneiras o Tesouro dos Filósofos. Eis a Pedra que vós tendes rejeitado, e aprenda primeiro o que é antes de ir buscá-la. É mais surpreendente do que qualquer milagre que um homem de-veria desejar depois que ele não sabe. É uma tolice ir em busca disto, a verdade de que os investigadores não sabem; tal busca é impossível. Aconselho, portanto, a toda gente escrutinadora que deveriam saber em primeiro lugar se o que eles procuram existe, antes de começarem em suas viagens; eles não serão frustrados então em suas tentativas. O sábio procura o que ama e ama somente o que ele sabe: caso contrário ele seria um tolo. Fora do conhecimento, portanto, o amor vem, a Verdade de tudo, a única que é estimada por apenas todos os filósofos.

Vós labuteis em vão, todos expositores dos segredos ocultos na Natureza quando – tomando outro caminho do que é – vosso esforço em descobrir por meios materiais os poderes das coisas materiais. Saiba, portanto, conhecer o Céu pelo Céu, não pela terra, mas os poderes do que é material discernem o que é celestial. Ninguém pode ascender ao Céu que é procurado por você a não ser Aquele que descendeu de um Céu que você procura sem primeiro esclarecer. Buscais uma Medicina incorruptível, que não deve apenas transmutar o corpo da corrupção em um modo tão perfeito, mas preservá-lo continuamente; ainda exceto no Céu em si, nunca em qualquer lugar você a descobrirá. A virtude celeste, pelos raios invisíveis encontrando no centro da terra, penetra todos os elementos e gera e mantém as coisas. Ninguém pode ser trazido à luz redimido na semelhança do que é também atraído a partir daqui. O feto combinado de ambos os pais é tão conservado na Natureza que ambos os pais podem ser reconhecíveis nele, em potência e em ato.

O que deve unir-se mais próximo do que a Pedra na geração filosófica? Aprender de dentro de ti para saber tudo o que está no Céu e na terra, para que possas tornar-se sábio em todas as coisas. Tu não vês que o Céu e os elementos foram uma vez senão uma substância e foram separados um do outro pela Divina habilidade para a geração de ti mesmo e tudo o que é. Foste tu quem sabe isto, o resto não poderia escapar, a menos que realmente sejas desprovido de qualquer capacidade. Mais uma vez, em cada geração, uma separação é necessária como eu disse deve ser feito por ti antes de iniciar no estudo da verdadeira filosofia. E tu nunca fará fora de outros uma coisa que necessitas a menos que primeiro tu sejas salvo de ti mesmo daquilo que tens ouvido. Para tal é a vontade de Deus, que os devotos deveriam realizar o trabalho que desejam, e o perfeito cumprimento sobre o qual estão propensos. Para os homens de má vontade não haverá colheita de exceção que semearam, além disso, em virtude da sua mal-dade, a sua boa semente deve ser altareda, muitas vezes em berbigão. Realize, então, o trabalho que tu procuras de tal maneira que na medida em que possa estar em teu poder, tu podes escapar de tal desgraça.

Assim faça, portanto, minha alma e meu corpo; levante-se agora e siga sua alma superior. Vamos subir a alta montanha ante nós, desde o pináculo do que eu lhe mostrarei aquele lugar onde os dois caminhos se encontram, dos quais Pitágoras falou em nuvem e escuridão. Nossos olhos estão abertos; agora brilha o Sol da Santidade e Justiça, guiados pelo que não podemos desviar do caminho da verdade. Deixe teus olhos olharem sobre o caminho certo, para que vejam a vaidade antes da sabedoria ser percebida. Não vedes aquela torre brilhante e inexpugnável? Aí está o Amor Filosófico, uma fonte da qual flui águas vivas, e aquele que bebe dela não terá mais sede após a vaidade. De que lugar mais agradável e delicioso vai um caminho claro para um mais agradável ainda, em que a Sabedoria extrai o jugo. De sua fonte flui águas muito mais abençoadas do que a primeira, pois se nossos inimigos beberem dela é necessário fazer as pazes com eles. A maioria dos que atingem aqui direto seus cursos ainda adiante, mas nem todos atingem até o fim. É um lugar que os mortais dificilmente poderão chegar a menos que sejam levantados pela Vontade Divina para o estado de imortalidade, e então, ou sempre que entrarem, eles devem despir-se do mundo, a vestimenta que atrapalha da vida arruinada.

Naqueles que atingirem este assunto, não há mais nenhum medo da morte; pelo contrário, acolhê-la-á diariamente com mais vontade, julgando que tudo o que é agradável na ordem natural é digno de sua aceitação. Todo aquele que avança além destas três regiões passa da vista dos homens. Se é certo que será concedido a nós ver a segunda e a terceira, deixe-nos tentar ir mais longe. Eis que, para além do primeiro e cristalino arco, um segundo arco de prata, além do qual há um terceiro de diamante. Mas o quarto não vem dentro de nossa visão, até o terceiro

estar por trás de nós. Este é o reino de ouro da felicidade permanente, desprovida de cuidados, cheios de alegria perpétua."

Esta solução, podemos então julgar, era uma dissolução ou afrouxamento do vínculo vital — mas não uma ruptura dele — com base na qual a alma ou espírito, poderiam ser libertos do corpo e da sua servidão, de onde surgiu, presumivelmente, que o ensino de Platão e Plotino, que é o negócio dos filósofos de estudar a forma de ser morto, explicado por Porfírio, que diz que "*há uma morte dupla, a primeira, na verdade, universalmente conhecida, na qual o corpo é liberado da alma; mas a outra peculiar aos filósofos, em que a alma é liberada do corpo.*"

Isto, naturalmente, irá envolver-nos numa consideração dos estados mânticos dos mistérios, mas nós preferimos adiar isso para o nosso estudo da segunda fase do Trabalho Sutil, dedicando a nossa atenção, entretanto, para a primeira fase, Conversão.

Capítulo XI

"Converta os elementos", diz Arnold, "e você vai encontrar o que procura; pois nossa operação é nada mais do que uma mutação da natureza, e o método de conversão em nossa Prata Viva é a redução da natureza a sua primeira raiz."

Conversão é uma palavra curiosa, e é geralmente entendida como uma mudança de um estado ou coisa para outra. O significado ordinário do Latin 'convertio' a partir do qual é derivado de 'voltar-se', e nós tomamos de quando os Alquimistas falaram desta conversão como parte do processo, eles tinham em vista que para uma verdadeira e perfeita manifestação, a ordem natural do processo deve ser voltada ou introvertida. Implica também o sentido de *con-versão*, o que significa a imposição de uma ordem superior sobre a própria natureza, mas este é sim o objeto ao invés do método.

Agora, o procedimento natural é a descida à matéria e a ascensão para fora dela, enquanto o processo Hermético envolve uma inversão, ou mais propriamente uma conversão ou uma virada a isso, para que através da conversão você reduza-o de volta em seu princípio original, mas mais a intensificação trazida pela evolução e experiência, trazendo-a para trás outra vez mais tarde em uma reunião fresca com seus *caput mortuum*[1].

Isto, naturalmente, prenuncia os dois processos restantes, do Trabalho Sutil, mas como já foi salientado, não existe divisão exata e nítida em qualquer lugar, pois cada fase, após a primeira, envolve tanto as que o precederam e aqueles que estão a seguir.

Não é, pois, necessário perder tempo com este processo, mas para passar para a próxima etapa, de Separação, das quais Paracelso diz que é "o maior milagre em filosofia, e que a magia mais singular pela qual é realizada; muito excelente para a rapidez de penetração e rapidez de operação, da maneira pelo qual a Natureza não sabe."

Em uma de suas alusões indiretas a esta parte do trabalho, Vaughan, na introdução à sua *Anthroposophia*, diz-nos que a alma "porventura muitas maneiras de quebrar sua casa, mas ela é melhor sem uma doença. Esta é a sua caminhada mística, uma única saída para voltar. Quando ela leva o ar a esta porta, é sem prejudicar ao seu cortiço."

Sendivogius, em seu *Nova Luz da Alquimia*, diz que "o pesquisador desta Ciência Sagrada sabe que a alma em ruínas, o mundo menor ou microcosmo, substituindo o lugar de seu centro, é o rei, e é colocado no espírito vital no sangue mais puro. Que governa a mente, e a mente o corpo; mas essa mesma alma ... que opera no corpo, que regem todos os seus movimentos, tem uma operação muito maior fora do corpo, porque fora do corpo ela reina absolutamente."

E Vaughan, na última parte do *Anthroposophia Theomagica*, confirma isso, dizendo-nos que, enquanto ao mesmo tempo fechado no corpo, ela imagina o que ela irá, "Se ela estivesse uma vez fora do corpo, ela poderia agir tudo o que ela imaginava". "Em um momento", diz Agrippa, "tudo que ela deseja, deve prosseguir". Nesse estado, ela pode "agir sobre o macrocosmo, fazer comoção geral nas duas esferas de ar e água, e alterar a tez dos tempos. Nem é essa uma fábula, mas a conclusão unânime dos Árabes, com os dois príncipes Avicenna e Avicenna. Ela fez então um poder absoluto no milagroso e mais do que as transmutações naturais. Ela pode em um instante transferir seu próprio vasilhame de um lugar para outro. Ela pode – por uma união com a força universal – infundir e comunicar seus pensamentos para o ausente, a distância nunca sendo tão grande.

Também não há nada debaixo do sol, mas ela pode sabê-lo, e – permanecendo apenas em um lugar – ela pode se familiarizar com as ações de todos os lugares, em absoluto. Eu deixo de falar de seu magnetismo, com o qual ela pode atrair todas as coisas - tanto espiritual como natural." "Finalmente" (diz Agrippa) "não há trabalho em todo o curso da Natureza, porém árduo, no entanto excelente, porém, pode ser sobrenatural, que a alma humana, quando atingiu a fonte de sua divindade – que o Magi designa a alma de pé e não em queda – não pode realizar por seus próprios meios e independentemente de qualquer ajuda externa." "Mas quem é ele – no meio de tantos milhares de filósofos – que não conhece sua natureza substancial e o genuíno uso específico dela? Este é o grande segredo de Abraão, extremamente maravilhoso e profundamente escondido, fechado, com seis selos, e fora destes procede o fogo, água e ar, que são divididos em machos e fêmeas." (Sepher Yetzirah, Cap. III, sect. 2). Devemos, portanto, orar continuamente para que Deus abra nossos olhos, em que possamos ver a empregar o talento que Ele concedeu a nós, mas agora está enterrado no chão e fez não frutificar em tudo. Ele é a quem devemos estar unidos por 'um compacto essencial' e então saberemos mostrar todas as coisas 'diante abertamente pela visão clara na Luz Divina'."

Vaughan, além de sua grande admiração daqueles que ele chama de "*O mais Ilustre e Verdadeira-mente Regenerado Irmãos R.C.*", foi um grande adepto de Agrippa, e podemos, portanto, arriscar a dar um extracto da referida fonte, que não encontramos nas obras de Vaughan. É retirado do *Terceiro Livro da Filosofia Oculta*, e sustenta imediatamente em nosso contexto.

Ele nos diz que a alma do homem, sendo distante dos sentidos corporais, adere a uma natureza divina da qual recebe as coisas que ela não pode procurar pelo seu próprio poder: pois quando a mente está livre, as rédeas do corpo são soltas, e indo adiante como saindo de uma prisão, ela transcende as obrigações dos membros, e, nada impedindo, sendo agitada em sua própria essência compreende todas as coisas. E o homem, portanto, foi dito ser feito à imagem expressa de Deus, vendo que ele contém a Razão Universal dentro de si, e tem uma semelhança corpórea também com todos. Aquele que, por isso, deva conhecer a si mesmo, deve conhecer todas as coisas em si, mas principalmente ele deve conhecer a Deus, de acordo com ele, cuja imagem foi feita.

Este, então, podemos concluir, é a Morte aludida por Pitágoras no *Oitavo Dictum de Twba*, onde ele diz que "*consiste na separação da alma do corpo*".

Somos assim levados a um entendimento comum de um dos profundos mistérios da Alquimia, talvez o maior e mais profundo, continuamente revelado por eles, e como continuamente obscurecido novamente, mas bastante inequívoco, se não voluntariamente recusado a ver. E como ele lida com os estados mânticos de transe místico, era geralmente acompanhado de avisos rigorosos para os seus perigos.

Estes possuem duas partes, por não ter a menor entre eles, há aqueles que esperam o experimentador não esclarecido, que, não compreendem a natureza do estado de transe que ele se esforça para induzir, adota métodos que são indesejáveis ao extremo. Seguindo estes estão os perigos que o esperam até o aspirante que pode ter descoberto o caminho certo, mas penetra, por assim dizer, em um país estranho cujas formas e os habitantes a ele é completamente e lamentavelmente ignorante.

Então são essas duas grandes categorias, que não nos sentimos justificados em prosseguir a nossa investigação adicional, sem dedicar um pequeno espaço para uma reflexão sobre elas.

Entre a primeira classe de risco que temos enumerado é a de sermos enganados, a suposição de que o mesmerismo ou hipnotismo tem nada a ver com o transe sagrado. À primeira vista, esta é uma hipótese bastante plausível, e alguns escritores modernos têm dedicado a um espaço considerável para

a elaboração das observações dos Alquimistas sobre a "*Obra das Mãos*" em argumentos a favor de tal suposição.

Não podemos também condenar e repudiar veementemente qualquer sugestão de tal, que, a nosso modo de pensar, é pestilento ao extremo, minando, como faz, a faculdade que é muito mais desejável a ser fomentada no assunto, a vontade, que é o Sal precioso, Chumbo ou Saturno dos Adeptos. Para além de que os estados de lucidez alcançado por esses métodos diferem fundamentalmente daqueles em que estamos buscando.

Mas também não podemos admitir como muito mais desejável a prática da auto-indução de estados hipnóticos pelo olhar fixo em talismãs e símbolos, ou na colocação destes em cima da testa, na tentativa de obter visões. Aliado a esses métodos, nós também fortemente desencorajamos o aluno a outros métodos, como olhar em cristais, bacias d'água ou tinta, espelhos mágicos e coisas do gênero, que podem, de fato, produzir determinados assuntos um grau de mediunidade, mas nada mais e mediunidade não é o que estamos procurando.

Por último, e mais enfaticamente, gostaríamos de avisar a qualquer um contra qualquer tentativa das invocações e evocações da magia cerimonial e talismãs, tal como estabelecido nos livros e grimórios lidando com o assunto. Os resultados, caso sejam alcançados e, infelizmente, eles podem ser, são susceptíveis de serem extremamente desagradáveis e perigosos.

Mesmo onde os resultados obtidos pelos métodos indicados nos três parágrafos anteriores são realmente perigosos, eles não são susceptíveis de serem úteis, mas, pelo contrário, é quase certo que podem ser enganosos. Na ilustração da declaração que citaremos alguns extratos de Iâmblico de que, em seu trabalho sobre os Mistérios Egípcios, trata exclusivamente da Magia Teúrgica.

Ele nos diz que "*Quando ocorre alguma errância na técnica teúrgica*" — como quando, por exemplo, alguns livros publicados sobre Magia são utilizados, se não for puramente mal, é reconhecidamente deficiente em algum lugar — "*as imagens que deveriam estar na Autopsia não são, senão outras de natureza diferente. Estes, os inferiores, assumem o disfarce das ordens mais veneráveis, e pretendem ser maiores do que aquelas que estão falsificando, e haverá uma grande massa de falsidade fluindo diante da perversão.*"

Nós dizemos as mesmas coisas agora em relação a fantasmas ou aparições. Pois, se estes não eles próprios genuínos, mas outros da mesma natureza, que realmente existem, certamente não estarão entre os espíritos auto-revelativos, mas são do tipo que mostram-se ostensivamente como genuínos. Estes participam em engano e falsidade, à maneira das formas que aparecem em espelhos, e atraem a compreensão para nenhuma finalidade boa em relação às matérias ... que será entre os enganos fraudulentos ... Por outro lado, os deuses e aqueles que virão depois dos deuses revelam verdadeiras semelhanças de si mesmos, mas nunca projetam aparições tais como são formadas em águas ou em espelhos.

Tu não podes associar em mente os espetáculos dos deuses que são superlativamente eficazes com as aparições levantadas por magia técnica. Para estes últimos não têm nem energia, nem a essência, nem a autenticidade dos objetos que estão vendo, mas somente o projeto de fantasmas nús que parecem reais.

Vou saber se qualquer um dos sacerdotes teúrgicos que contemplam o genuíno, formas ideias dos deuses devem consentir a permitir-lhes em tudo. Pois por quê deveria alguém consentir em obter ídolos ou figuras espectrais em troca daqueles que possuem existência real, e realizam-se a partir do primeiro até o último e mais baixo? Não sabemos que todas que são trazidas à vista por tais modos ... são realmente fantasmas do que é genuíno, e que parecem bons para se ver, mas nunca são realmente assim?

O indivíduo criando as figuras espectrais emprega em seus processos nem as revoluções dos corpos celestes, nem os poderes que existem em si por natureza; em suma, ele não é capaz de entrar em contato com eles. Mas, como ele segue uma arte, e não procede teurgicamente, ele lida com as emanções últimas e mais inferiores, manifestamente, a partir de sua natureza, sobre a parte extrema do universo.

O projetor das figuras espectrais confia em espectros destituídos de alma, só animados com a aparência de vida, segurando juntos externamente um quadro diversificado de complexões, e absolutamente efêmero em duração. Nada destas coisas, assim, formadas pelo homem são desconexas e puras. Eles estão querendo em tudo, serem reunidas a partir de substâncias variadas e incompatíveis. Quando qualquer multidão de auras acumuladas de muitas fontes forem misturadas, isto se mostrará frágil e fugaz. Eles desaparecem mais rapidamente do que os ídolos vistos em espelhos. Pois quando o incenso é colocado sobre o altar, a figura é imediatamente formada a partir do vapor, uma vez que é realizado para cima, mas quando o vapor se mistura e se dispersa em toda a atmosfera, o ídolo é imediatamente dissolvido e nenhum traço dele permanece.

Por que então esse malabarismo é desejado pelo homem que ama as manifestações que são verdadeiras? Se eles sabem que estas coisas sobre as quais estão envolvidos são estruturas formadas de material passivo, o mal seria uma questão simples ... Mas se prender a essas figuras espectrais como aos deuses, o absurdo não será dizível na fala ou suportável em ato. Para tal alma, um raio divino nunca brilha; pois não está na natureza das coisas, para que seja concedida a objetos que são totalmente repugnantes, e aqueles que são realizados rapidamente por fantasmas negros não têm lugar para a sua recepção. Tais fazedores de milagres com fantasmas serão, então, na mesma categoria com sombras que estão muito longe da verdade."

A segunda classe de perigos deve ser razoavelmente óbvia a partir do que temos já indicado, mas não a menor delas, é ilusão. Como, porém, teremos de lidar com estas em nossa consideração da natureza do estado de transe, não vamos agora determos mais sobre eles.

[1] **Caput Mortuum:** é um termo em latim que significa "cabeça da morte". Na alquimia, significa uma substância inútil, sobra de uma operação de químicos, como sublimação. Alquimistas representam este resíduo com um crânio humano estilizado, uma cabeça de morte literal. Em seu uso corrente limitado, o caput mortuum representa declínio e entropia.

Capítulo XII

Nós agora, portanto, chegamos ao estado de transe em si, e deve agora estar claro que com isso queremos dizer o estado sagrado de transe divino, e não qualquer psíquico, sonambulismo ou estados hipnóticos.

A principal característica do transe mântico, como é frequentemente chamado, é que em cada etapa, a completa auto-consciência e auto-controle são mantidos, embora haja obtido o que Platão chama de *"libertação divina das formas comuns dos homens"*.

As etapas anteriores são chamadas às vezes muestas, de muo, fechar os olhos, pois, como Sinésio diz no *Aegyptiacus*, *"Há dois pares de olhos nos Mistérios. O Inferior está fechado quando o Superior está aberto"*, uma declaração de que tem enganado muitas especulações em relação ao hipnotismo que temos antes mencionado.

Esses estados estão conectados com a natureza noética e levam naturalmente ao conhecimento das realidades espirituais e a aquisição de determinadas competências, e eles são projetados para levar até ao culminar do verdadeiro re-nascimento, o nascimento superior, como muitas vezes é chamado.

Embora a auto-consciência seja mantida, a mente é elaborada à distância das coisas de sentido, a visão espiritual, audição e assim por diante, tornando-se estimulado, quando, como o Oráculo descreve, *"Já não são visíveis a ti a Abóbada do Céu, a Massa da Terra; quando a ti as Estrelas perderam a Luz e a Lâmpada da Lua é velada e próximo de ti está o Relâmpago"*.

No entanto, até, como temos repetidamente salientado, a mente e o corpo foram tanto quanto possível purificados por meio da oração e da meditação e pelo cumprimento dos Ritos Sagrados, o perigo é que a natureza frênica, inferior ou psíquica pode jogar uma parte indesejada e levar a ilusões e auto-enganos, que são descritos como figuras intrusivas do Submundo, procurando levar para longe a atenção do candidato da verdade.

Escritos antigos e medievais estão cheios de descrições dessas aparições, que são ainda ditos terem eficácia material nos trabalhos Divinos sob a orientação de quem entende e pode controlá-los; donde o ditado do Oráculo, *"Natureza persuade-nos que existem puros Demônios, e que a germinação até mesmo da matéria mal pode ser igualmente útil e bom"*.

No entanto, a alma é passível de ser levada ao esquecimento por estes nos estágios iniciais, de modo que a injunção mais adiante é necessária, *"Deixe a profundidade da tua alma imortal ser predominante, e todos os olhos estendem para cima. Não inclina-te, pois um precipício jaz abaixo da Terra, puxando pela escada que tem sete etapas, sob a qual está o Trono da extrema Necessidade"*.

É por isso que Vaughan, falando da Matéria Primordial, diz: *"Os olhos do homem nunca viram uma e duas vezes sob a mesma forma"*. E Lúlio, que os primeiros princípios da Arte são *"Espíritos Fugazes, condensados no ar, na forma como os monstros mergulhadores, animais e homens, que se movem como nuvens aqui e ali"*.

Mas, para além de tais aparições, existem formas mais sutis de ilusão decorrentes de memória, o desejo, a imaginação, a emoção e assim por diante, que, embora não necessariamente alarmantes, e

provavelmente não tendem a despertar as suspeitas de qualquer forma, são ao mesmo tempo totalmente imprecisas e enganosas.

A carta seguinte citada por Vaughan em seu *Lumen de Lumine* como sendo dos Fratres R.C., tem ligação sobre todos estes pontos de uma forma mais interessante. Nós damos apenas uma parte do meio da carta, que é a parte que realmente ilustra-los. Ela é executada como segue:

“Há uma montanha situada no meio da terra ou centro do mundo, que é tanto pequena como grande. É macia, também acima da medida dura e forte. É muito longe e perto, mas pela providência de Deus é invisível. Nela estão escondidos os tesouros mais amplos, que o mundo não é capaz de avaliar. Esta montanha, pela inveja do diabo, que sempre se opõe a Glória de Deus e da felicidade dos homens, é cercada com cruéis animais e aves de rapina, que fazem o seu caminho difícil e perigoso; e, portanto, até agora, porque o tempo ainda não é chegado, o caminho até lá não poderia ser procurado nem descoberto. Mas agora, o caminho é para ser encontrado por aqueles que são dignos – mas apesar disto, pelo esforço e auto-trabalho de cada homem.

Para esta montanha deve-se ir em uma certa noite, quando se trata da mais longa e escura; e ver que você se prepara pela oração. Insista no caminho que leva à montanha, mas não pergunte a qualquer homem onde ela reside, siga apenas seu guia, que vai-lhe oferecer a si mesmo e você encontrará o caminho. Realmente você não deve deixar de conhecê-lo.

Este guia irá levá-lo para a montanha à meia-noite, quando todas as coisas são silenciosas e escuras. É necessário que você arme-se com uma resoluta coragem heróica, para que não tenha medo das coisas que irão acontecer e cair para trás. Você não precisa de espada ou outras armas corporais, apenas apelo ao teu Deus com sinceridade e do fundo de sua mente.

Quando você descobriu a montanha, o primeiro milagre que vai acontecer é isto: Um grandíssimo e veemente vento agitará toda a montanha e quebrará as rochas em pedaços. Você será encontrado, em seguida, por dragões, leões e outras terríveis bestas selvagens; mas não tema qualquer uma dessas coisas. Seja firme e guardai-vos de que você não retorne, pois seu guia, que lhe trouxe para cá, não sofrerá nenhum mal que te sucederá. Quanto ao tesouro, ele ainda não foi descoberto, mas está muito próximo.

Depois disso virá do vento um terremoto, que vai derrubar as coisas que o vento tinha deixado, e fazer tudo plano. Tenha certeza que você não cairá fora.

O terremoto que está sendo passado seguirá um fogo que consumirá todo o lixo do terreno e descobrirá o tesouro. Mas ainda não é possível vê-lo. Depois de todas estas coisas e próximo a alvorada, haverá uma grande calma, e você verá a Estrela do Dia surgir e a aurora vai aparecer e você perceberá um grande tesouro.

A principal coisa nele e a mais perfeita, é uma certa tintura exaltada, com a qual, se servida a Deus e foram dignos de tais dons, o mundo inteiro pôde ser tingido e transformado em ouro mais puro.”

Agora, esses estados de Manteia foram em nenhum sentido sem direção ou indiretos; pois antes de se aventurar tanto, se em tudo, com eles, o aspirante deveria, como já indicado, estudar cuidadosamente os aspectos teóricos do que ele estava a fazer, e se familiarizar com os sistemas de cosmogonia e cosmologia realizados pela escola em que estudava, na medida em que tal sistema pudesse ser aprendido teoricamente. Também era necessário que ele tivesse algum conhecimento acadêmico com as Ordens e Hierarquias das Essências que ele estava prestes a encontrar, juntamente com os símbolos e sinais de que ele pudesse reconhecer e ser reconhecido, e em virtude da qual ele poderia alegar tal instrução e iluminação conforme seu grau de realização espiritual lhe permita assimilar.

E deve ser claramente entendido que os Hierofantes e candidatos das verdadeiras Escolas de Mistério não eram simples curiosos diletantes e experimentadores, satisfeitos com as visões do Mundo Astral, ou dos planos imediatamente contíguos ao nosso, contra o qual eles foram advertidos pelo Oráculo, em nenhum termo inequívoco:

"Não inclina-te para baixo no Esplêndido Mundo Escuro, onde jaz continuamente uma fé sem profundidade, e Hades envolvido em nuvens, se deliciando com imagens ininteligíveis; precipitadas, liquidadas; um abismo negro sempre rolando, sempre defendendo um Corpo sem iluminação, sem forma e vazio."

Eles tentaram penetrar nos Mundos a frente, o Yetzirático e mesmo Briático, e levantar-se cada vez mais alto através deles, até que vejam a Luz Divina, a Luz que era informe, que foi o verdadeiro estágio da Epopiteia ou Contemplação.

Embora nós não estejamos considerando os pontos de vista Orientais sobre estes temas neste pequeno inquérito, no entanto, a seguinte descrição desta Luz, tirado do *Bardo Thodol*, ou *Livro Tibetano dos Mortos*, são tão aptos que não hesitaram em dar-lhes.

"Teu guru tomou tua face a face na presença da Luz Limpa; e agora tu és prestes a experienciá-la em sua Realidade no estado do Bardo, onde todas as coisas são como o vazio e o céu sem nuvens, e o intelecto, nu e imaculado é como para um vácuo transparente sem circunferência ou centro. Neste comento conhece-te e permaneça neste estado ... Agora estás a ter o Esplendor da Luz Clara da Pura Realidade. Reconheça-a. Teu intelecto presente, em natureza vazia real, não formado em qualquer coisa quanto às suas características ou cor, naturalmente vazio, é a verdadeira Realidade, o Todo-Bom ... Tua própria consciência, brilhando vazia e inseparável do Grande Corpo do Esplendor, não tem nascimento nem morte e é a Luz Imutável."

Mas para chegar a qualquer destes estados, ou até mesmo para ajudar na purificação preliminar, a prática dos exercícios dos Mistérios era necessário, que estavam em alguma medida relacionadas com o processo de solução ou de separação que temos vindo a discutir. E, neste contexto, devemos mencionar, talvez, um erro que parece ser muito prevalente em relação aos mesmos. Nós já lidamos com isso até certo ponto, nos Capítulos III e IV, embora limitando-o ao mesmo tempo para práticas sexuais.

Nós agora, por conseguinte, ampliamos isto a exercícios físicos em geral, como se lê em certas formas de yoga. Os exercícios dos Mistérios da Grécia e Egito eram de uma ordem diferente, sendo puramente espirituais, e estavam intimamente relacionados com os rituais que foram uma prévia para os estados mânticos anteriores. Eles não eram nem físicos nem intelectuais, mas foram relacionados com a volatilização Alquímica do fixo e fixação do volátil com o qual temos sido ao longo de toda negociação, e com a qual iremos tratar mais uma vez, tanto na fase seguinte do Trabalho Sutil, e na seção de orvalho que resume todo o processo.

Quando Syncsius diz: *"O intelecto acima de tudo, separa tudo o que é contrário à verdadeira pureza do Espírito fantástico; pois atenua este espírito de uma maneira oculta e inefável, e estende-o para Divindade"*. Ele não está falando do intelecto natural, que não pode fazer isso, mas da mente, no sentido de que temos referido no Capítulo II. E com essa idéia temos, por enquanto, ficado satisfeitos.

Capítulo XII

Chegamos agora a última das nossas três fases do Trabalho Sutil, que nós chamamos de Reunião. Este processo é também a Coagulação Alquímica e a fixação do volátil. Como a Tábua de Esmeralda diz, *"O poder disto é integral se transformado em terra"*. E Sênios, que *"a maior aspiração deve ser reduzida para a menor; pois a água divina é a coisa descendo do céu, o redutor da alma ao seu corpo, que revive a extensão"*.

E Trismosin, depois de discutir a putrefação e decocção, cita Hermes como dizendo, *"É realmente necessário que no final deste Mundo, o Céu e a Terra devem reunir-se e chegar em casa"*. E, novamente, na Quarta Parábola do seu *Splendor Solis*, ele cita Senior assim: *"O Espírito se dissolve no corpo e nos estratos da Dissolução da Alma do Corpo, e muda este corpo em Alma, e a Alma é transformada em Espírito, e o Espírito é novamente adicionado ao Corpo, pois assim tem estabilidade."*

Khunrath, igualmente, em seu *Amphitheatrum* nos informa sobre a totalidade do segundo ou Trabalho Sutil como segue: *"Na Segunda Operação, que ocorre em um recipiente circular, cristalino, justamente proporcional à qualidade do seu conteúdo, também em um forno teosófico, cabalisticamente selado ou Athanor, e por um incêncio, o corpo, alma e espírito, externamente lavados e limpos e expurgados com a diligência mais precisa e trabalhos de Hércules, e novamente composto, misturam-se, a podridão de si próprio e sem co-operação manual, pelo trabalho exclusivo da natureza, são dissolvidas, unidas e reunificadas; e, portanto, o fixo torna-se volátil totalmente; estes três princípios são também coagulados em si, diversificadamente coloridos, calcinados e fixados; e, portanto, o mundo surge renovado e novo."*

Enquanto Eudoxo, em sua *Quarta Chave* — se pode ser perdoado por multiplicar assim as autoridades — diz: *"A Quarta Chave da Arte é a entrada para o Segundo Trabalho (e uma reiteração, em parte, e ao desenvolvimento do anterior): é isso que reduz a nossa Água em Terra; mas há somente esta Água no Mundo, que, por uma ebulição nua pode ser convertida em Terra, porque o Mercúrio dos Sábios carrega em seu centro seu próprio Enxofre que o coagula. A terrificação do Espírito é a única operação deste trabalho. Ferve-las com paciência; se tiver procedido assim, você não será um longo tempo sem perceber as marcas desta coagulação; e se elas não aparecem no seu tempo que nunca vai aparecer; porque isto é um sinal inquestionável de que você tem falhado em alguma coisa essencial nas operações anteriores; pois para corporificar o Espírito, que é o nosso Mercúrio, você deve ter bem dissolvido o corpo em que o Enxofre que coagula o Mercúrio esteja incluído. Mas Hermes assume que a nossa água mercurial deve obter todas as virtudes que os filósofos atribuem a ela se ela se transformar em terra. Uma terra admirável é a fertilidade - a Terra da Promessa dos Sábios, que, sabendo como fazer o orvalho do céu cair sobre ele, faz com que se produza frutos de preço inestimável. Cultivar a terra, em seguida, diligentemente esta terra preciosa, umedecê-la muitas vezes com a sua própria umidade, seque-a tantas vezes, e você não menos aumentará sua força de seu peso e sua fertilidade."*

E isso em parte é o significado da fábula de Osíris, que, suas peças tendo sido recolhidas junto novamente e conservadas em uma caixa flutuante sobre as águas do Nilo por um tempo, emergiu daí ressuscitado, e saiu imune de todos os males ou danos e além de toda comparação mais poderoso do que antes.

Em curta esta reunião é a chave do Renascimento Místico no imortal Corpo Solar, admiravelmente precedido de uma citação do *Evangelho de Felipe* dado a Epifânio, *"Eu me uni, reunindo-me junto aos quatro cantos do universo, e unindo-se aos membros que estão dispersos"*, e elaborado no Apocalipse na alegoria do nascimento do Homem-criança.

Durante todo o processo que estamos estudando está manifestamente ligado à realização pela alma do candidato ao mais alto nível, para que o seu desenvolvimento espiritual possa aspirar, e pela absorção da alma, quando neste estado de toda a sabedoria, poder e energia purificadora que ele pode assimilar. Em seguida, ele retorna ao corpo, que é a sua terra apropriada, purgando-a pelas radiações da energia assim adquiridas.

Este processo sendo constantemente repetido, o nível é progressivamente aumentado, pois a purgação em cada retorno garante maior projeção na próxima solução, que é o aumento do poder da pedra que é muito falada nas fastes posteriores da obra.

Assim, a purificante e vivificante energia é absorvida em quantidades cada vez maiores, enquanto que ao mesmo tempo o poder de manter os contatos está em constante desenvolvimento, o que também contribui para o crescimento geral da alma.

De tal maneira, por etapas sucessivas, o aspirante é dito para progredir no sentido da união com seu Eu Superior, e por causa destas várias fases de desenvolvimento, houveram diferentes formas de ritos sagrados. Isto de modo não natural não acrescenta às dificuldades de recolher toda informação relativa a elas, pois os registros, de qualquer maneira, não definem-las claramente adiante por etapas, mas misturam as considerações de um com o outro, como os Alquimistas em todos os eventos admitem abertamente, de modo que seu significado permanecerá ininteligível para aqueles sem a Chave.

Temos acima mencionado o aumento da pedra, que temos visto estar intimamente ligado com a repetição constante do processo. Eudoxo é definitivo nesta afirmação, dizendo em seu *Sexta Chave*, que "*A Multiplicação da Pedra é a reiteração da mesma operação, que consiste senão em abrir e fechar, dissolver e coagular, embebir e secagem; em que as virtudes da Pedra são infinitamente aumetáveis.*"

Os outros são unânimes em seu acordo com esta tese, e de fato deveria ser tão óbvio que a inteligência comum que nós não perderemos mais tempo com ela.

Talvez seja de assistência ao estudante no curso de suas próprias pesquisas se dedicar algum espaço pequeno para a consideração de alguns dos termos mais comuns em uso entre os Alquimistas, e assim estaremos em uma medida de recapitular e rever o que tem ido antes.

E se há alguém que parece de acordo com a nossa descrição do mesmo, o trabalho é mais curto do que o esperado, não deve ser esquecido que o processo fermentativo do primeiro trabalho — e de fato todos os processos de ambas as obras — tem que ser mais uma vez e outra vez, repetidamente e com o maior cuidado. Daí o comando dos Alquimistas para o aluno a se dissolver, destilar, encerrar, calcinar, sublimar, e fixar a Natureza Oculta, e, portanto, somos informados de que o Ouro está a ser julgado sete vezes no fogo, para que o processo inicial apenas inclua uma morte, uma ressurreição, uma purificação, uma separação, uma exaltação e uma sublimação.

E ao passar através das várias fases, a Matéria Primordial, o Mercúrio dos Adeptos, a Quintessência, é aludida a uma multiplicidade de termos e por uma variedade de descrições. Como Agmon diz na seção final do *Turba*, que Arnold de Villa Nova emprestou para o seu *Speculum*, "*É também uma pedra e não uma pedra, espírito, alma e corpo; é branca, volátil, côncava, sem pêlo, fria, e ainda que ninguém possa aplicar a língua com impunidade a sua superfície. Se você deseja que ela deve voar, ela voa; se você dizer que ela é água, você fala a verdade; se você disser que não é água, você fala falsamente. Não, então, seja enganado pela multiplicidade de nomes, mas permaneça certo de que é uma coisa, até que nada estrangeiro é adicionado. Investigue o seu lugar, e nada adicione de estrangeiro. A não ser que os nomes foram multiplicados, para que o vulgar possa*

ser enganado, muitos ridicularizam nossa sabedoria."

Às vezes ela é chamado de um óleo essencial; em outros um vinagre acentuado; novamente um Dragão, um Camaleão, uma Fênix, uma Salamandra. Às vezes é mineral, às vezes vegetal, às vezes animal; agora é Fogo ou Luz, então Terra, Ar ou Água; em outros momentos é Magnésia, Azoth, Antimônio, Éter ou Ens. Muitas vezes é resolvida em seus elementos, ou três componentes, Sal, Enxofre e Mercúrio, que são Espírito, Alma e Corpo; Ativo, Passivo e Resultante; Pai, Mãe e Filho; Atração, Repulsão e Circulação.

Termos planetários são usados com frequência. O Sol para o Ativo, a Lua para o Passivo; Saturno para a Vida Obstínada, a Vontade em uma etapa da operação; Vênus, a Luz Celestial da Natureza; Vulcano, movimento.

Novamente Sal é Vontade em outro estágio, cujo análogo é Peso. O Corpo de Bronze é impuro, Espírito nativo. O Animal Oriente é a Vontade vestida de Luz, que o Oráculo descreve como "*Tendo colocado em completo vigor armado de Luz retumbante, com força tripla fortalecendo a Alma e Mente.*"

O princípio do Corpo é solidamente designado como Caput Mortuum, Cascavél, Diadema do Corpo e Duenech.

O Falcão, Abutre e Corvo são sinônimos para o Espírito da Vida, embora pareçam serem usados como indicativos de diferentes fases do processo, assim como as várias cores tantas vezes aludidas.

A Terra Filosófica é aquela quando a Magnésia, Terra Adâmica ou Raiz vermelha é semeada; onde se morre e corrompe a fim de que ela possa renovar-se como Sal. E aqui parece haver uma contradição manifesta, pois a Terra dos Sábios é outro nome para Mercúrio; mas isso é explicável, no entanto, vendo que isto concebe em si a semente, esperma ou efervescência pela qual é alimentada e levada à perfeição.

O Vermelho e Branco são Alma e Espírito, que emerge na união da escuridão da morte mística, e é-nos dito que, quando o Artista vê-lo, ele sabe que tem o Grande Arcano.

Muitos pontos interessantes surgem a partir da consideração da Água, Ar e Fogo, e com estes vamos tratar no próximo capítulo.

Capítulo XI V

"No início, Elohim criou a substância dos Céus e a substância da Terra. E a Terra eram sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do Abismo e o Ruach Elohim vibrou sobre a face das Águas."

Tais são os dois primeiros versos no Livro *Berashith* — que chamamos *Gênesis* — de acordo com o Hebraico. Sobre essas palavras por si só, e suas implicações e significados, um livro pode ser escrito, mas nós aqui só chamamos a atenção do leitor para a palavra *Ruach*, cujas implicações temos, até certo ponto, discutido no capítulo anterior, acrescentando aqui o fato de que o gênero da palavra é feminina, que vai explicar algumas das alusões em muitas das citações anteriores. Também para as palavras *Abismo* e *Águas*, que são ambas prestadas pela mesma palavra em Hebraico. Esta palavra é *Thehom*, e contém em si as duas idéias do "*amorfo*" e "*água*", onde ela pode ser adequadamente traduzida aqui como "*Águas sem forma*".

Esta é a Água Virgem dos Alquimistas, e Thomas Vaughan nos diz que quando os filósofos praticam sobre o Caos em si, isto é, sobre o Amorfo e Vazio, eles a abriram e viram o Pré-existente Semblante da Tríade, e viram que todas as coisas aqui em baixo, a Água da Vida Mundana como é chamada em outros lugares, era uma Água Grossa, que é um termo muito usado em Alquimia.

O aparente absurdo gritante da declaração de que os filósofos praticam sobre o Caos será elucidado mais tarde. Por enquanto, vamos considerar esta Água Grossa. A achamos mencionada em 2 Macabeus, I, 19-22, onde o Fogo Sagrado foi enterrado em uma cova secreta. No o retorno do cativo, foi encontrado para ter tornado-se em uma água espessa, a partir da qual, no entanto, o Fogo foi extraído.

Em apoio a esta analogia, constatamos que o *Sepher Yetzirah*, ou *Livro da Formação* — que, como já dissemos, é um dos mais antigos livros da Qabalah, e é atribuído a lenda de Abraão, embora o seu autor em todas as probabilidades foi o Rabino Akiba — na descrição da Criação diz que o Fogo era derivado da Água.

Há, naturalmente, uma analogia óbvia entre Água Grossa e Goma, que é um outro temo para ela. É também chamada de Mercúrio Branco — Mercúrio dando um paralelo muito bom — e notamos que há uma Goma Branca e aquela Água Permanente é Branca. Água Permanente é também chamada de *Igneous*, enquanto Mercúrio é Água de Enxofre, que pode muito bem ser entendido como "*contendo Enxofre ou Fogo*", e Hermes no *Tratado Áureo* diz: "*Conserve naquele Mar de Fogo*".

Esta Água, então, para se dizer Água Permanente, é a Matéria Primordial, "*que é aquela substância aquosa que não molha as mãos*". "*Parece um Lagarto Verde*", diz Lullo, "*mas a sua cor predominante é um certo azul indescritível*". Nisto ele designa-a; natureza aquática, tanto pela cor azul, e o fato de que o Lagarto representa, provavelmente, o Escorpião, que no simbolismo é Aquila, a Águia, o Emblema Querúbico da Água e o Emblema Alquímico da Destilação. Lullo continua, "*O elemento predominante em que, entretanto, é um certo ardente, terra sutil, onde muitas vezes é chamado de terra, causando muita confusão; mas essa é a parte viscosa ou pegajosa*". E como é dito ser impregnada pelo Sol é espermático e é chamado de Esperma da Terra.

Este é também o Esperma do Mundo, Magnésia Católica, o Mercúrio Duplo ou Azoth, Vinagre, Água Limpa, Água Divina, Água do Mar, Leite da Virgem e Neblina. E aqui temos de lembrar o aluno

da Neblina que subia da terra e regava toda a face da terra mencionado em Gênesis II, 6.

Vamos agora fazer uma analogia com Goma, que nos dá um bom paralelo — sendo uma excreção vegetal — especialmente se considerarmos a idéia do Esperma ou Semente já mencionado. Isso também irá permitir-nos a prometida elucidação do aparente absurdo de operar no Caos, de acordo com Vaughan o original. Viscosidade Seminal, Esperma ou Semente da qual o Mundo foi feito, desapareceu na Criação, pois foi as Águas da Criação em que o Espírito ou Ruach Elohim pairava ou vibrou no início, transformando-a no Mundo. O Mundo, porém, nos rende agora uma semente secundária, que é de mesma essência ou substância da primitiva universal — a descrição do que, por sinal, coincide bem com ectoplasma. Esta Semente, diz Vaughan, é captada na sua forma celeste e universal por vegetais, que atraem-na em suas raízes, uma vez que vem do ar em Orvalho. Este Esperma é gerado a partir da mistura e união das naturezas inferiores e superiores nos vapores.

Que ninguém se deixe enganar por tais declarações em pensar que todos os vegetais comuns destinam-se, pois é exatamente o contrário. Assim como poderia a Árvore da Vida ser equivocada do mesmo modo. Estamos lidando aqui, como temos tratado o tempo todo, com uma única coisa; um assunto, um vasilhame, um forno, um laboratório.

Mas para resumir. Temos, assim, levados até uma contrapartida do Orvalho, um símbolo importantíssimo, do que, talvez, nenhum símbolo do processo Alquímico pode ser melhor citado. Os Alquimistas, em seu uso do mesmo, tendo o ar como um vasto circulatório, cujos alcances superiores são extremamente rarefeitos. Nele está envolvido toda a idéia da ação dos opostos em um outro, por fogo e água, ou seja, calor e umidade, estão sempre ocupados com o outro, e de acordo com Anaxagoras no *Turba*, a espessura ou parte espermática do fogo cai no ar. A espessura ou esperma do ar, e nele a espessura ou esperma do fogo, cai na água, e todas estas caem sobre a terra, com a idéia de que devemos comparar qualquer corpo, alma e espírito, ou a noção Qabalística da tripla divisão da alma, conforme descrito no Capítulo II.

Agora a água está aqui para ser tomada como a natureza intermediária entre o ar e a terra, e anteriormente, no antigo simbolismo sendo quente e úmido, e depois frio e seco, enquanto que a água é fria e úmida.

Em um nível mais elevado, o ar é o reconciliador entre a água e o fogo, para que assim o ar torne-se o que já lhe designou, um vasto circulatório onde os inferiores e superiores cumprem como agente e paciente, ou, como alguns dos Alquimistas expressam-o, quando o Enxofre e o Mercúrio são misturados.

Aqui as coisas são ditas a serem resolvidas em princípios gerais pela ação do vento, que é, naturalmente, a vibração, contração, e assim por diante. Isto resolve-os em água, o elemento primordial da criação, por assim dizer, que depois desce como orgalho, para que tenhamos uma rarefação perpétua e condensação, ou processo circular em andamento, o que é gerado no ar que está sendo retomado pela água, que atua como seu corpo.

Agora, pelo orvalho, no entanto, não quer dizer orvalho comum, como acontece com todas as substâncias de que trata a Alquimia; mas serve para ilustrar a sublimação da parte volátil, o que, ascendendo, é influenciado por aquilo que é sua maior contrapartida, dos quais absorve alguma coisa, e, em seguida, tornando-se refixa, desde de novo em terra ou organismo, que é capaz em certa medida de purificar, tendo sido em certa medida purificada.

Nós não tratamos esta seção em uma forma tão completa como ela merece, mas pode no entanto ser vista a partir do que temos dito que a água é muitas vezes chamada de fogo, e por isso deve ser.

Este fogo envolvido em ar, que é recolhido pela água, é chamado de Leite Estrelado ou Ar de Luna, de modo que a água é como um pássaro voando, e a umidade leitosa que é encontrada em seios de cristal é chamado Leite das Aves, e assim, alguns dos filósofos têm dito que "*As aves trazem sua Pedra para eles*". Peixes são ditos a fazerem a mesma coisa, pois eles vivem na água.

E o ar, que envolve a si mesmo em um fogo, é o Pneuma, Sopro, Espírito ou Ruach. Mas o símbolo de Ruach Elohim é o Fogo, que, na Alma é o Neshamah Qabalístico, a parte Superior, pelo Fogo ou Enxofre de que o Nephesh ou parte inferior deve ser purgado.

Agora, seguindo a analogia do Orvalho e da evaporação da água da terra para o ar, que, como se fosse, dissolve-se e que contém fogo, precisamos destilar da terra bruta do nosso material as naturezas de Nephesh, a parte sutil ou aquática, que deve dissolver a parte volátil ou aérea ou Ruach, contendo o Fogo, Neshamah. Quando este cai sobre a terra como o orvalho irá iniciar a sua purificação.

Há na Qabalah muito sobre este Orvalho, mas é demasiado técnico, tudo menos uma referência de passagem. Diz-se que a partir dele os mortos são ressuscitados, e pelos mortos é dizer, na língua mística do Zohar, caídos.

Para explicar a sublimação das essências com a questão no que precede, Vaughan e outros postulam o Archeus ou Sol Central, "*Para onde os raios de um e outro se encontram, o central, rompendo a encontrar o celestial, sofrendo uma espécie de êxtase*", diz Vaughan, "*Então, no inverno, a face da terra sendo como se fosse selada, Magnésia é gerada, mas na primavera e no verão, ela ascende mais livremente.*"

Esta composição de natureza aquosa e aérea, sem dúvida, tem dado origem ao termo Pedra Verde, embora alguns dizem que deva ser Leão Verde. Esta besta curiosa é também o Dragão Venenoso de quem Hermes diz em seu *Tratado Áureo*: "*Em toda a natureza há a primeira água necessária, então a tintura oleosa e por último a foeces ou terra que continua abaixo. Mas um Dragão habita todas estas, e elas são a sua habitação, e a escuridão é nelas, e por isso ele sobe para o ar. Mas enquanto a fumaça continua neles, eles não são imortais. Tirai, pois, o vapor da água, e a escuridão da tintura oleosa e a more da foeces; e pela destilação tu alcançaráis uma recompensa triunfante, mesmo que nela e pela qual os possuidores vivem.*"

Agora a Água, o Óleo e a Terra são as naturezas intrínsecas escondidas, e, nesse sentido, cada elemento é triplo. O Dragão é o espírito obstinado, como já dissemos, que em seu modo normal, resultante da queda, é de natureza tóxica e destrói tudo o que toca. Este veneno é a aspiração que deve ser tirada. Não é um com a escuridão que está neles, por isso tem um significado prático relacionado com a dissolução, no final da citação, aqui dado como destilação.

A tintura oleosa é Enxofre, pois Hermes acrescenta no parágrafo seguinte, "*O unguento temperado, que é Fogo, é o meio entre a foeces e a água, e é chamado de examinador das águas. Para os unguentos são chamados Enxofres, porque entre o fogo e o óleo e os enxofres existe uma estreita proximidade; mesmo como o fogo queima, o enxofre também o faz.*"

O Dragão, para reverter a ele novamente, é sal no estado impuro, também o nosso Leão Verde, de modo que este último é sinônimo de todos os outros termos que foram dados no Capítulo IV, e também com a Terra Mágica, os Sais Flos Aibi ou Flor de Sal Branco, a Areia Branca e assim por diante, pois não é sempre especificada a fase na qual se alude, e deve-se ter em mente que na Grande Obra é

adicionada, somente o supérfluo é removido.

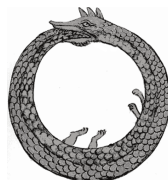
E essa Terra Mágica é aquela em que é o fogo recreativo, a "*Terra de Halivá, onde o bom ouro está*", que é Marciano e Ardente. Este é o Fogo que coagula as partes, e o Sal é a água que não molha as mãos, a Magnésia que foi exibida nos Mistérios.

Assim, chegamos finalmente ao fim da nossa investigação, e podemos, mas espero que não se mostrou muito decepcionante para o leitor, e que não se pense que utilização demasiado liberal tenha sido feita de citações. Nosso objetivo tem sido em suma levá-lo para um estudo desta fascinante e — como podemos considerá-la — assunto de toda importância, e para convencê-lo que os escritos dos filósofos, apesar da sua complexidade invejosa, vai bem para retribuir-lhe as dores de que ele pode ser colocado em sua leitura.

Podemos, portanto, talvez, ser perdoado se concluir, dando-lhe dois extratos a mais, que vamos deixar para sua consideração, sem comentários. O primeiro é da Quarta Parábula do *Splendor Solis* de Trismosin.

"Esta (Dissolução) os Filósofos dão a entender a seguinte Assinatura ou Figura: Eles viram um homem negro como um negro aderindo rapidamente em um lodo negro, sujo e fétido ou barro; em seu auxílio veio uma mulher jovem, bonita de rosto, e ainda mais no corpo, mais generosamente adornados com muitos vestidos coloridos, e tinha asas nas costas, as pernas das quais eram iguais àquelas dos melhores Pavões brancos, e as penas eram enfeitadas com pérolas finas, enquanto as pernas refletiam como espelhos dourados. Em sua cabeça tinha uma coroa de ouro puro, e no topo dela uma estrela de prata; em torno de seu pescoço ela usava um colar de ouro fino, com o Rubi mais precioso, para que nenhum rei fosse capaz de pagar; seus pés estavam vestidos com sapatos de ouro, e foi a partir dela que emana o perfume mais esplêndido, superando todos os aromas. Ela vestiu o homem com um manto de púrpura e o ergueu a sua mais brilhante clareza, e levou-o consigo para o Céu."

A segunda é uma receita para a Medicina de Thomas Vaughan. Esta, infelizmente, tem sido descrita por um comentador moderno, nos seguintes termos: "*Devo confessar que a sensação de que esta receita é uma brincadeira ou uma espécie de paródia sobre os processos ridículos dados pelos pretendentes da Alquimia.*" Nós sentimos que o leitor inteligente e não meramente superficial terá uma visão diferente, e que a medida de sua aprovação irá indicar a medida de sua compreensão. É dada assim: "*Dez partes do lodo celeste. Separe o macho da fêmea e, em seguida, cada um da sua terra, naturalmente, no entanto, sem violência. Unir após a separação devida, harmônica, proporção vital. A alma, descendo imediatamente da espera pirolástica, deve restaurar seu corpo morto e abandonado por um maravilhoso abraço. As substâncias unidas devem ser aquecidas por um fogo natural em um casamento perfeito do espírito e do corpo. Proceda de acordo com o Artifício Vulcano-Mágico até que eles sejam exaltados no Quinto Rota Metafísico. Trata-se desta Medicina sobre a qual há tantas rabiscadas, mas tão poucos conhecidos.*"



Teurgia, ou, A Prática Hermética

Uma Investigação sobre Alquimia Espiritual

Hiεροσ Σεριεσ – ρολυμε Ι

Teurgia significa "*a ciência ou a arte das obras divinas*". Na alquimia, este processo é chamado de "*Grande Obra*", que é a purificação e exaltação da nossa natureza "*inferior*" através da correta aplicação dos princípios esotéricos, de modo que possa se unir com seus homólogos superiores, pelo qual podemos alcançar a consciência espiritual, e, em última instância, divina.

Com base nos ensinamentos dos Egípcios, Gregos, escolas de mistério Hebraicas, e citando extensivamente importantes escritores alquímicos, Garstin detalha este processo de purificação. Os alunos que estão curiosos sobre a alquimia, mas assustados com o corpo de literatura e suas estranhas alegorias vão encontrar neste livro uma excelente introdução.

Garstin discute obras de origem alquímica e explica claramente o que seu simbolismo esotérico significa. Com as informações deste livro, os aspirantes da alquimia poderão então proceder uma exploração melhores informados sobre as obras de alquimia e outros escritos das Tradições de Mistério Ocidentais.

